



CADEIRAS BRASILEIRAS

MUSEU DA
CASA BRASILEIRA

MUSEU DA CASA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO DE MUSEUS E ARQUIVOS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CADEIRAS BRASILEIRAS

*Museu da Casa Brasileira
de 13 de dezembro de 1994
a 31 de janeiro de 1995*





D

esenhar uma cadeira é mais complicado do que desenhar uma casa, disse certa vez um arquiteto. E, se não for verdade, de qualquer forma mostra a dificuldade de se desvendar novas formas para um objeto que tem assento e encosto e sustenta o corpo a uma certa altura.

O Museu da Casa Brasileira organiza esta exposição histórica da cadeira dentro de sua função precípua que é a de ser museu de mobiliário — além de museu de design e de arquitetura. Frente a essa vocação, esta mostra é especialmente preciosa, porque sua concepção e realização se deram nos domínios do próprio Museu, através de uma equipe que, neste último ano e meio, foi sendo aos poucos formada para atuar mais claramente nessas áreas, acrescida da participação curatorial de Adélia Borges e Guinter Parshalk, constituindo-se assim num grande salto na atividade museológica.

A evolução do mobiliário brasileiro é um caminho em direção ao futuro, que hoje se mostra dividido (ou somado) entre as soluções de alta tecnologia e as de sofisticado artesanato. Esperamos que a mostra levante este debate, contribuindo para a criação, ao mesmo tempo em que apresente ao grande público um assunto que faz parte intensivamente do seu dia a dia, mostrando a ele que o ato de sentar, como outros atos, é resultado de uma grande intenção humana.

Ricardo Ohtake
Secretário de Estado da Cultura

É

impressionante como de início um pequeno projeto pode ir se transformando, crescendo, contagiando, envolvendo cada vez mais pessoas, acabando por tornar-se um evento dos mais importantes no cenário da cidade. Foi assim com "Cadeiras Brasileiras", onde Gloria Bayeux e Paula Perrone empenharam-se de corpo e alma, com entusiasmo, competência e dedicação em pesquisar e coletar os mais significativos exemplos do mobiliário deste tipo, desenvolvidos em São Paulo e no Brasil.

A mostra transcende, em conteúdo, a mera exposição. É, sem dúvida, um riquíssimo material de pesquisa, que por sua forma comparativa de várias épocas e tendências, demonstra didaticamente a evolução do design brasileiro, parte da história de nosso artesanato e indústria, as possibilidades de cada época, sistemas construtivos, materiais de execução e acabamento. O Museu da Casa Brasileira espera, assim, contribuir para a valorização dos nossos profissionais, tão discriminados face à importação de idéias, de desenhos e até mesmo de produtos finalizados. Mostramos que, apesar das grandes dificuldades mercadológicas e financeiras, o Brasil pode produzir peças de inegável qualidade.

Carlos Bratke
Diretor do Museu da Casa Brasileira

A

Sociedade Amigos do Museu da Casa Brasileira tem como principais objetivos estimular e promover atividades artísticas e culturais nos espaços do Museu da Casa Brasileira, conforme nova conceituação que a atual Diretoria vem imprimindo ao Museu: um espaço ligado ao design, à arquitetura e ao urbanismo e aberto à participação concreta de toda a comunidade paulistana.

Esta exposição, "Cadeiras Brasileiras", e o lançamento do respectivo catálogo, respondem a essa filosofia e fazem parte de um elenco de eventos similares que, certamente, deverão contribuir para consolidar a nova imagem do Museu da Casa Brasileira. Com isto estaremos dando mais um passo no sentido de implantar na cidade de São Paulo um Museu de Design, Arquitetura e Urbanismo, à altura de sua importância no cenário nacional e, nesse sentido, equiparando-a às grandes cidades dos países mais desenvolvidos.

Arquiteto Pedro Cury
Presidente da Sociedade Amigos do
Museu da Casa Brasileira

CADEIRAS BRASILEIRAS

*A Evolução do Mobiliário Nacional
através das Cadeiras*

6

APRESENTAÇÃO

11

AS HISTÓRICAS

Uma seleção do acervo do Museu da Casa Brasileira,
do século 17 ao início do século 20

21

OS PIONEIROS

As primeiras contribuições para a criação do design
moderno brasileiro, dos anos 30 aos 70

47

OS CONTEMPORÂNEOS

Nas décadas de 80 e 90, o florescimento e a diversidade
de um design plural

75

OS PREMIADOS

As cadeiras contempladas no Prêmio Design Museu
da Casa Brasileira, de 1986 a 1994

91

AS ANÔNIMAS

A criação popular, um espelho a ser mirado
na busca de caminhos para o futuro

D

Desde a sua fundação no Brasil, em 1951, a Giroflex tem contribuído para o desenvolvimento da cultura brasileira. A primeira iniciativa nesse sentido formalizou-se através de um agradecimento ao País que acolheu seus fundadores nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, concretizado na intensa colaboração que permitiu fundar no Brasil uma escola experimental de modelo europeu visando renovar e enriquecer a pedagogia brasileira: a Rudolf Steiner (Waldorf). Durante 37 anos aprendemos a criar e a desenvolver aqui tecnologia e design adequados às necessidades e expectativas dos consumidores brasileiros. Nesse sentido, ao longo desses anos foram criadas diversas gerações de assentos que marcaram época e inspiraram dezenas de outros produtores, nacionais e internacionais.

Com este catálogo a Giroflex tem o prazer de poder contar um pouco da História do Brasil, reunindo exemplos sobre a evolução da cadeira neste País. Um longo processo foi percorrido, até chegarmos aos atuais assentos de escritório. Foram abordados principalmente os nomes que muito contribuíram para a história das cadeiras no Brasil.

Toda evolução da sociedade brasileira se espelha nesse mosaico de temas ligados a um único objeto: a cadeira. De privilégio de poucos a produto feito em série nos modernos processos industriais, a cadeira guarda a lembrança da sociedade que a criou.

Ao empenhar-se no registro da evolução da cadeira no Brasil, a Giroflex ajuda a revelar a importância com que encara a função do sentar e os produtos que fabrica: cadeiras que permitem descanso para o corpo, produtividade e liberdade para a inteligência, estabelecendo novos padrões de qualidade, durabilidade e ergonomia.

Hans Joachim Schmidt

T

rabalhar de forma sistemática com o tema “casa brasileira”, expor o acervo existente, criar o acervo de design contemporâneo, dar seqüência ao Prêmio Design do MCB, organizar um banco de dados e estruturar um centro informatizado de pesquisa. Este conjunto de propostas interligadas marca a direção que a atual equipe do Museu tem perseguido no sentido de explorar o universo cultural amplo e fascinante que a própria denominação “casa brasileira” sugere.

Um plano dessa dimensão requer tempo para ser implantado na sua totalidade. No entanto, a idéia instigante de concretizá-lo sempre em atividades de retorno mais imediato para a comunidade nos colocou frente a um desafio: concretizar nossas propostas em algo vivo e que interessasse tanto ao público quanto aos profissionais da área de design e arquitetura. Elegemos como objetivo apresentar um histórico da trajetória do desenho do mobiliário no Brasil, do século 17 até hoje, que propiciasse uma visão de conjunto unindo passado e presente. Seria necessário um objeto representativo, presente em nosso cotidiano. Que pudesse expressar o fazer humano, o trabalho criador ao longo da história. Que desafiasse continuamente a imaginação fértil dos artistas... Neste caminho que conduz ao encontro entre Museu, comunidade e criadores, chegamos às cadeiras brasileiras.

Mas que seria das idéias sem a prática? A equipe convidada enriqueceu o projeto original. Da fotografia sensível e competente de Antonio Saggese, passando pelo grafismo sóbrio de João Baptista da Costa Aguiar, à montagem talentosa e impecável de Felipe Crescenti, as idéias iniciais foram traduzindo-se em produtos onde se reconhece a presença da boa arte. A curadoria trabalhou com excelência, numa busca exigente de harmonia e lapidação entre sua própria visão ou bagagem e a estrutura inicial por nós concebida. Ou entre o ideal e o possível numa situação em que a própria condição de órgão público de natureza cultural num país de terceiro mundo inunda a realidade de limitações de quase toda ordem. O projeto foi discutido e rediscutido, ampliado e revisto, até firmar sua espinha dorsal e ficar enxuto, devido à dedicação, critério e lucidez de Adélia Borges e Ginter Parschalk.

*Glória M. Bayeux e Paula Perrone
coordenadoras da mostra*

P

eca indispensável no mobiliário ocidental, a cadeira é o tema mais explorado pelos designers em todo o mundo — e também é considerado o mais difícil de tratar. Todos querem fazer cadeiras, talvez pelo alto valor simbólico que ela carrega e por sua importância em nosso cotidiano. O *homo erectus* é, por definição, o único que fica de pé. Mas, quanto mais avançada uma sociedade, mais tempo passamos sentados — e nos tornamos sedentários (palavra cuja raiz etimológica vem de sentar), com todas as implicações negativas e positivas da condição.

É enorme o número de expressões ligadas ao ato de sentar. Assentar a vida, assentar a cabeça, assentar a pedra fundamental, sentar no dinheiro remetem à estabilidade. Pode esperar sentado, ao repouso e à paciência. Em português, cadeira tem sinônimos significativos. Mulher brasileira que se preze tem que saber mexer as cadeiras. Que pena a gente tem do descadeirado! Falar de cadeira é sinônimo, segundo o Aurélio, de falar em posição privilegiada, com autoridade. A mesma autoridade implícita na cátedra do professor ou na Catedral, assim chamada porque ali está a cadeira do bispo.

Poder e cadeira andam juntos. O rei afirmava sua soberania sentando-se no trono. Em plena selva africana, o Fantasma das histórias em quadrinhos também precisa de um trono para atribuir seu poder. O juiz abre e fecha as seções sentando-se ou levantando-se. Nas cerimônias oficiais, nos jantares formais, cada um tem seu lugar marcado de acordo com sua importância — sentar-se à direita do anfitrião é um signo de honra. *Chairman*, o homem da cadeira, é a expressão da língua inglesa para designar o presidente de uma organização. Aliás, em qualquer empresa, basta olhar as cadeiras para mapear rapidamente quem é quem — quanto mais alto o encosto, mais macio o estofamento ou quanto mais acessórios (braços, rodízios etc.) uma cadeira tiver, mais alto na escala corporativa estará seu ocupante.

Mas cadeira também está ligada à reflexão — do Pensador de Rodin à criança que estréia nos bancos escolares, é muitas vezes necessário sentar para pensar; e é imprescindível sentar para escrever. O primeiro gesto de gentileza para uma pessoa que chega à nossa casa ou ao nosso escritório é convidar para sentar. Receber de pé é manifestação certa, e tantas vezes grosseira, de indisponibilidade. A gente senta para comer, para descansar, para ver televisão, para namorar. A cadeira é tão importante em nosso dia-a-dia que até o astronauta tem a sua, embora precise dela apenas como referência psicológica.

Para uma variedade enorme de funções, há uma variedade que poderia se chamar de infinita de modelos de assentos. Entre os milhares de modelos disponíveis no Brasil hoje, nosso foco ao preparar esta exposição se prendeu em algumas poucas centenas, resultado do esforço deliberado de projetar cadeiras coerentes com as condições de nosso país.

A seleção final chegou a exatos 141 exemplares. É claro que há omissões, algumas delas voluntárias. Decidimos, por exemplo, concentrar nosso foco nas cadeiras em si, excluindo por exemplo os sofás, assentos que são feitos com a finalidade exclusiva de repouso e relaxamento, embora algumas poltronas e chaises-longues tenham entrado pelo valor extraordinário de seu desenho, por sua importância enquanto projeto ou autoria. Esclareça-se ainda que, apesar do nome da exposição, aqui não estão apresentadas apenas cadeiras, mas também bancos e banquetas, que têm um papel importante em nossa tradição de assentos.

Outras omissões foram involuntárias, e se deveram não só às limitações de nosso conhecimento, mas também à premência de tempo para a organização da mostra. Muitos designers mudaram-se sem deixar pistas, cadeiras importantes se perderam no tempo ou no descaso deste nosso país sem memória. Como o ótimo tantas vezes é inimigo do bom, decidimos correr todos os riscos e aproveitar a oportunidade de trazer à luz estas 141 peças que tornam a idéia do design transparente a um público bem maior do que o de iniciados, como uma primeira experiência em um processo que se quer continuar depois, aprofundando com novas exposições o que foi aqui iniciado.

As peças foram selecionadas por suas qualidades técnicas e estéticas, por sua importância histórica e pelo grau de contribuição que cada exemplar trouxe ao nosso design, independente, evidentemente, do gosto dos curadores. Elas contam, a seu modo, a história da evolução do nosso mobiliário. São testemunhas, sobretudo, do enorme esforço de dezenas de criadores na concepção de móveis adaptados à nossa cultura, ao nosso clima, ao padrão antropométrico do brasileiro, à disponibilidade de materiais, às novas tecnologias, esforços que têm como fim último a melhoria da qualidade de vida. Homenagear esses criadores e re-contar a nossa história, para que a partir do passado e do presente possamos desenhar melhor nosso futuro, foram nossos objetivos.

Adélia Borges e Guinter Parschalk
curadores

A S
H I S T Ó R I C A S



até o início do século 20 o Brasil importava praticamente todo o produto industrial que consumia — de pequenos objetos de decoração a edifícios inteiros, como é caso da Estação da Luz em São Paulo. De início pela condição de colônia, era obrigado a consumir o que vinha da Metrópole. Depois, a partir da abertura dos portos no início do século 19, com uma indústria local incipiente, o país cumpria com as condições impostas pelos centros industriais europeus, assumindo o papel de mercado consumidor no capitalismo internacional. A importação também era fruto da mentalidade cultural própria da aristocracia e da elite urbana, que só viam valor no que vinha de fora, pautando-se pelas tradições e pela moda européias.

As cadeiras “brasileiras” até o início do século 20 demonstram, de um lado, as fortes influências européias, e, de outro, o rico trabalho artesanal aqui empreendido na sua adaptação ao gosto brasileiro e na execução de elementos decorativos, numa profusão de estilos variados, às vezes reunidos numa só peça. Usadas geralmente nas sedes de bispado e de governo, não se configuravam, até o século 19, como um objeto de uso doméstico comum. Nas casas da maioria dos brasileiros predominavam os bancos simples e as redes.

Este módulo apresenta peças do acervo do Museu da Casa Brasileira, uma pequena amostra do que se produzia no Brasil quando ainda não se tinha caracterizado um desenho próprio, não só para o mobiliário como, de resto, para outras áreas do conhecimento técnico e artístico.



CADEIRA DE SOLA

Século 17 (final)

Cadeira feita em jacarandá e couro lavrado, com espaldar alto, recortado e pregaria nas laterais do assento. Colecionador: Ricardo von Brusky.

CADEIRA RÚSTICA

Século 17 (presumível)

Cadeira de filiação renascentista do tipo escabelo. Feita em cedro e com entalhes em baixo relevo. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA DO ARTESANATO POPULAR

Século 18

Cadeira popular, armação em madeira (jacarandá do litoral) com pés em "x". Assento e encosto em couro lavrado. Acervo Museu da Casa Brasileira.



POLTRONA PORTUGUESA

Século 18

Poltrona característica do mobiliário renascentista português denominado manuelino, feita em carvalho e couro cinzelado. Os montantes, traves, maçanetas e apliques de metal (pregaria graúda) configuram aspectos bem familiares de feitura portuguesa utilizados desde o século 17. Acervo Museu da Casa Brasileira.



POLTRONA D. JOÃO V

Século 18

Poltrona de tipo barroca feita em jacarandá da Bahia. Espaldar alto com frontão entalhado, tabela com recorte de balaustre e assento removível de palhinha. Acervo Museu da Casa Brasileira.

CADEIRA D. JOÃO V

Século 18

Cadeira feita em jacarandá e couro. Espaldar com tabela vazada, assento em couro trabalhado, com as bases ou pés curvos com entalhes. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA "ROMÂNTICA"

Século 19

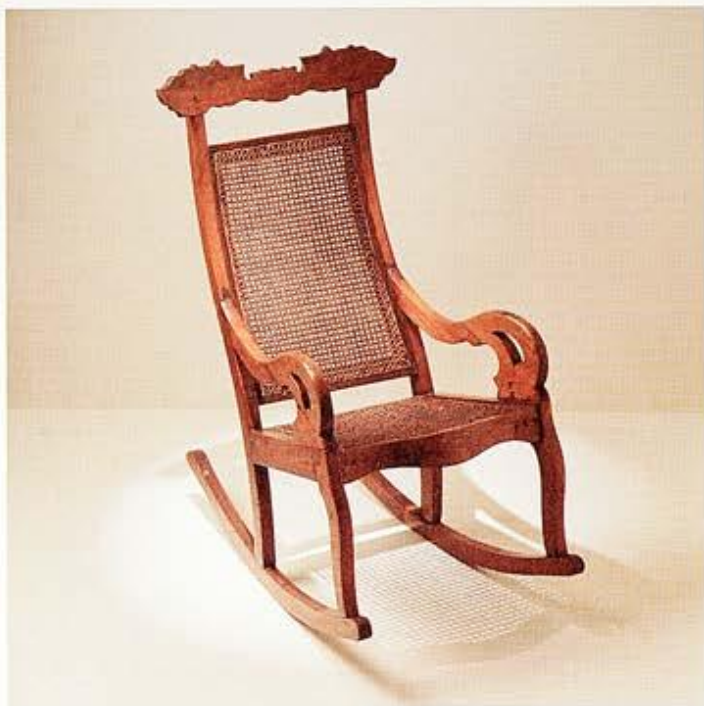
Cadeira em estilo romântico, de jacarandá da Bahia. Influência manuelina na execução dos tremidos, com espaldar vazado e torneado em motivos góticos. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA D. JOSÉ I

Século 19

Cadeira de tipo barroca feita em cedro, com entalhes e recortes. Espaldar com pequena tabela recortada e almofadada. Base ou pés em formato de "x", com entalhes. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA DE BALANÇO

Século 19

Cadeira do ecletismo romântico, feita em madeira tamanqueira, com recortado e palhinha. Acervo Museu da Casa Brasileira.

CADEIRA DE BORDAR

Século 19

Marcenaria singela, feita em madeira e palhinha, com curvatura lateral no assento e nas pernas posteriores e frontais. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA DE TIPO POPULAR

Século 19

Cadeira do mobiliário eclético, feita em cedro e palhinha. Acervo Museu da Casa Brasileira.



CADEIRA SANITÁRIA

Século 19

Cadeira com assento sanitário, feita em imbuia. Tampa escamoteado e porta lateral para permitir a retirada do urinol. Acervo Museu da Casa Brasileira.



POLTRONA IMPÉRIO

Século 19

Cadeira da linha império despojada, feita em imbuia com assento e espaldar em palhinha. Acervo Museu da Casa Brasileira.

CADEIRA BÉRANGER

Século 20

Cadeira com influências européias diversas da metade do século 19, com interpretação brasileira característica da escola de moveleiros Béranger (Recife, PE). Feita em jacarandá da Bahia, com entalhes eruditos. Acervo Museu da Casa Brasileira.



POLTRONA ART DECO*Século 20 (anos 30)*

Peça de linhas geométricas puras, esta poltrona possui composição realizada a partir de um semi-círculo com corpo central estofado. A construção é feita com planos de madeira folheada, com semi-círculos inferiores e um friso em metal cromado. Acervo Museu da Casa Brasileira.

**CADEIRA ART-DECO***Século 20 (anos 30)*

Cadeira feita em estrutura contínua de tubo de ferro cromado e vergado formando os braços, apoio do encosto e bases. Acervo Museu da Casa Brasileira.

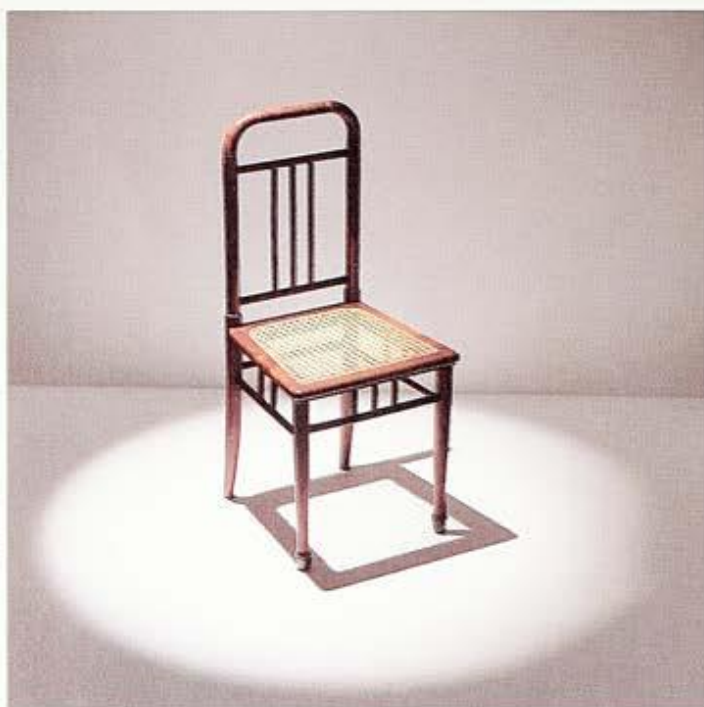
O S
P I O N E I R O S



design de mobiliário brasileiro nasce com um objetivo claro: substituir os pastiches, os “antigos” fabricados no dia anterior, a profusão de estilos, por móveis coerentes com um país e uma época. O país, tropical, decididamente não podia copiar padrões europeus de revestimentos, ou de medidas ergonômicas, ou de uso de materiais, ou de custo final do produto, etc. — e bote-se etc. nisso! A época, início do século 20, via nascer também as sementes da arquitetura moderna, que pedia os espaços interiores e os equipamentos domésticos integrados à “casca” do edifício, e portanto livres dos excessos de ornamentações. Não é por acaso, portanto, que mesmo o mestre do móvel moderno brasileiro, Joaquim Tenreiro, só tenha conseguido se livrar realmente dos estilismos na década de 40, ao receber encomendas de Oscar Niemeyer para as famosas residências de Cataguazes, MG.

Este módulo abrange o período que vai das décadas de 30 a 70, em que se lançaram as sementes do que vivemos hoje no campo do design do mobiliário. Particularmente fértil foi o período entre 1945 e 1965, com uma multiplicação de iniciativas destinadas a produzir em série móveis funcionais e belos, como a abertura do Studio de Arte Palma, Forma, Unilabor, Z, Oca, Probjeto, Branco & Preto, Móvel Contemporânea, Giroflex, L'Atelier, Hobjeto, Escriba e tantas outras. Algumas não sobreviveram, enquanto permanece de certa forma não resolvida a intenção de várias delas no sentido de tornar o design desfrutável por amplas camadas da população.

É interessante notar como muitos designers que estiveram por trás dessas iniciativas eram profissionais recém-chegados ao Brasil, atraídos pelo paraíso de industrialização acelerada prometido por Juscelino Kubitschek. Talvez seus olhos estrangeiros tenham sabido reconhecer, mais do que nós mesmos, a riqueza de nossa cultura e de nossos materiais, usando-os com primor.



PATENTE, ANOS 20

Designer: Celso Martinez Carrera (1883-1955)

Produção: Grande Fábrica de Móveis Finos Celso Martinez Carrera, Araraquara, SP. O exemplar da mostra é do acervo de Dalmácia Arruda Campos.

Oficial de carpintaria formado nas oficinas da Companhia de Estrada de Ferro de Araraquara, o imigrante espanhol Celso Martinez Carrera lançou as bases do design moderno brasileiro com a cama e a cadeira Patente, criadas a partir de 1915. Sua obra, segundo a historiadora Maria Cecília dos Santos, "trouxe mudanças estilísticas, o despojamento das linhas, das formas, a introdução de elementos geométricos que produziram os efeitos de leveza e simplicidade tão inovadores para o eclético gosto que então dominava o mercado". A Patente usa madeira torneada. Fácil de construir e de montar, com custo moderado, é um marco no design brasileiro.

CIMO, ANOS 30

Produção: Móveis Cimo, Rio Negrinho, SC. O exemplar da mostra é do acervo do Museu da Casa Brasileira.

Criada no início do século por uma família de imigrantes austríacos, os Zipperer, a Cimo chegou a ser a maior indústria de móveis da América Latina, controlando do plantio das árvores até a embalagem do produto. Produzia principalmente cadeiras e poltronas em madeira maciça, sobretudo imbuia, vendidas desmontadas. O forte da Cimo não era o design, claramente inspirado nas célebres cadeiras Thonet, mas a capacidade produtiva. Em 1941, quando mais de 500 mil poltronas Cimo estavam em casas de espetáculos em todo o país — e outras tantas em escritórios, escolas, igrejas etc. —, o Dasp oficializou suas medidas como padrão para o país.





POLTRONA DE TRÊS PÉS, 1947

Designer: Joaquim Tenreiro (1906-1992) **Produção:** Esporádica nas décadas de 40 e 50. O exemplar da mostra é parte do acervo do colecionador Paulo Kuczynski.

A poltrona de três pés foi concebida para o cenário de uma peça de Silveira Sampaio que tratava de um triângulo amoroso. Exposta no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, de 1959, usa duas madeiras, sempre em cores diferentes, como o pau-marfim e o roxinho.

Paradigma da história da nação, o pai do mobiliário moderno brasileiro foi um português. Exímio artesão da madeira, Joaquim Tenreiro rompeu com o virtuosismo do estilo, propôs uma linguagem contemporânea e advogou a tese de que os móveis brasileiros deveriam ser formalmente leves. "Uma leveza que nada tem a ver com o peso em si, mas com a graciosidade, a funcionalidade dentro de seus espaços." Para ele, o móvel moderno deveria estar baseado na honestidade de propósitos, na eliminação do supérfluo, no ajuste de função e na limpeza plástica.



POLTRONA DE EMBALO, 1947

Designer: Joaquim Tenreiro (1906-1992)

Produção: Reeditada pela Probjeto desde 1992. O exemplar apresentado na exposição foi doado pela Probjeto ao acervo do Museu da Casa Brasileira.

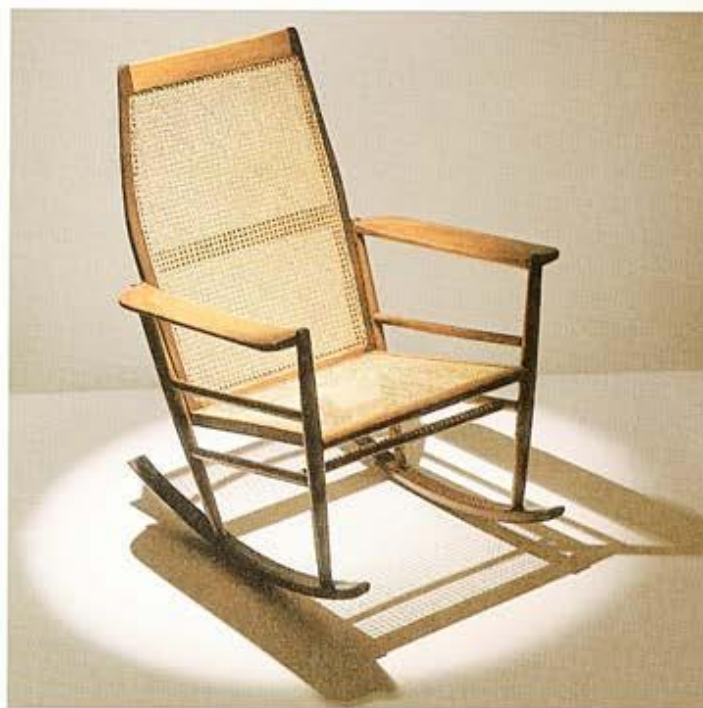
A Poltrona de Embalo tem estrutura em pau-marfim maciço natural ou ebanizado, estofamento em espuma de poliuretano e revestimento em couro natural em diversas cores. É o único móvel de Tenreiro hoje disponível para compra.

CADEIRA DE BALANÇO, 1959

Designer: Joaquim Tenreiro (1906-1992)

Produção: Langenbach & Tenreiro Móveis e Decorações, década de 60. O exemplar da mostra é do acervo do colecionador Paulo Kuczynski.

Um clássico de Tenreiro, esta cadeira de balanço usa jacarandá e palhinha, material que estivera presente no móvel colonial mas que havia sido abandonado em favor do veludo e de outros tecidos decididamente incompatíveis com as condições naturais de nosso país.



CADEIRA PARA ESCRIVANINHA DE MOÇA, 1962

Designer: Joaquim Tenreiro (1906-1992)

Produção: *Década de 60. O exemplar da mostra foi emprestado por Paulo Kuscinsky.*

Só um conhecedor em profundidade da madeira poderia chegar a extremos poéticos como Tenreiro alcançou nesta cadeira para acompanhar uma escrivaninha de moças. A delicadeza dos pés de palito garante uma peça delgada, mas perfeitamente estruturada e resistente.



RECURVA, 1949

Designer: Joaquim Tenreiro (1906-1992)

Produção: *Década de 60. O exemplar da mostra foi emprestado por Paulo Kuscinsky.*

O desenho limpo, elegante e leve de Tenreiro encontrou grande eco nos arquitetos adeptos do modernismo, que pedia interiores livres dos excessos de ornamentação. A Recurva, com espaldar alto, tem assento e encosto em palhinha. A estrutura usa jacarandá.

TRIPÉ, 1948

Designer: Lina Bo Bardi (1915-1992) **Produção:** Studio de Arte Palma, de 1948 a 1950. Exemplo cedido pelo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.

A Tripé nasceu da rede, “um dos mais perfeitos instrumentos de repouso”, segundo Lina, por sua aderência perfeita à forma do corpo. Tem três pernas em cabriúva encerada ou tubo de ferro e forro solto de lona ou couro, que pode ser facilmente retirado e permite o mesmo movimento ondulante da rede.



CADEIRA, ANOS 40

Designer: Giancarlo Palanti (1906-1977) **Produção:** Studio de Arte Palma, final dos anos 40. O exemplar da mostra foi emprestado por Roberto Sanovicz.

Nascido em Milão, Giancarlo Palanti atuou como arquiteto, urbanista e designer na Itália até 1946, quando se transferiu para o Brasil. Formou com Lina Bo Bardi o Studio de Arte Palma, uma tentativa de produção manufatureira de móveis usando madeira compensada e outros materiais bem brasileiros, como as “chitas das Casas Pernambucanas e couro, ao invés das fazendas feitas à mão, muito luxuosas, que se usava na época” (depoimento de Lina).

“O móvel também tem sua moralidade e razão de ser na sua própria época. A cópia dos estilos passados, os babados, as franjas, são índices de mentalidades incoerentes, fora da moralidade da vida.” Inconformada com os móveis que encontrou ao chegar ao Brasil, Lina Bo Bardi decidiu desenhar o mobiliário para seus projetos. Para produzi-los em série, fundou, junto com Giancarlo Palanti, o Studio de Arte Palma. “O ponto de partida foi a simplicidade estrutural, aproveitando-se a extraordinária beleza das veias e da tinta das madeiras brasileiras, assim como seu grau de resistência e de capacidade”, disse ela na revista Habitat. O Studio funcionou por dois anos, de 1948 a 1950.



BOWL, 1951

Designer: Lina Bo Bardi (1915-1992) **Produção:** Produzida originalmente pela Ambiente. O exemplar da mostra foi cedido por Antonio Saggesi.

Com um desenho simples e absolutamente inovador na época, permanecendo atual até hoje, a Bowl mereceu uma capa premiada na revista norte-americana *Interiors*, em 1953. Sua estrutura usa tubo de ferro pintado de preto. A concha, em alumínio repuxado, fica solta, permitindo várias posições. Revestimento em couro ou tecido.



CADEIRA EM JACARANDÁ, 1955

Designer: *Geraldo de Barros (1923)* **Produção:** *Unilabor, década de 50. Exemplar da exposição cedido por Lenora de Barros.*

Esta cadeira em jacarandá foi produzida pela Unilabor, oficina de móveis que Geraldo de Barros criou em 1954 com frei João Batista Pereira dos Santos. Convictos de que a paz social do Brasil só seria possível com a mudança da estrutura empresarial, deram à empresa o caráter de uma comunidade produtiva, em que todos — designer, marceneiros, funcionários — recebiam o mesmo valor, dividindo os lucros. A comunidade fechou em 1967.

CADEIRA EM POLIURETANO, 1960

Designer: *Geraldo de Barros (1923)* **Produção:** *Hobjeto, década de 60. O exemplar da exposição foi cedido por Lenora de Barros.*

Com o fracasso da utopia da Unilabor, Geraldo de Barros fundou em 1964, com outros sócios, a Hobjeto, com uma estrutura realmente empresarial e a mesma intenção anterior: serializar o bom design. A empresa progrediu enormemente e hoje tem showrooms espalhados por todo o país. Criada para acompanhar uma mesa de jantar, esta cadeira tem estrutura em poliuretano e revestimento em curvim.



Artista plástico, Geraldo de Barros chegou ao design pelos caminhos da arte concreta, da qual é um dos maiores expoentes brasileiros, recebendo forte influência dos germânicos Max Bill e Ott Aicher. A idéia central era "socializar o bom gosto", substituindo as peças únicas por móveis industrializados em altas séries, a preços acessíveis, com qualidade de desenho e de produção.



POLTRONA MOLE, 1957

Designer: Sergio Rodrigues (1927) **Produção:** Oca (industrializada - versão desmontável pelo sistema alemão) e Sergio Rodrigues Arquitetura Ltda., versão tradicional, desde 1957.

A Poltrona Mole recebeu o primeiro prêmio no Concurso Internacional do Móvel em Cantù, Itália, em 1961, onde foi chamada de Sheriff pela firma Isa, de Bérgamo, Itália, que passou a produzi-la e exportá-la para vários países. Robusta e extremamente confortável, a Mole é composta de estrutura rígida em madeira maciça torneada e encerada, e elaborada na técnica construtiva tradicional, com cavilhas. Percintas em couro sola, independentes, são dispostas de tal modo que botões torneados permitam regular seu comprimento, adaptando a "cesta" às condições anatômicas do usuário. O almofadão é composto de quatro partes interligadas, em couro natural, estofado em espuma de poliuretano revestida com mantas de acrílico.



LÚCIO COSTA, 1963

Designer: *Sérgio Rodrigues (1927)* **Produção:** *Oca, Compasso D'Oro, Sérgio Rodrigues Arquitetura Ltda., até hoje.*

Pelos elogios que recebeu na época de Lúcio Costa ("este é o primeiro móvel moderno com espírito brasileiro"), foi batizada com seu nome. Usa madeira maciça encerada na estrutura rígida e palhinha de málaca no assento. O encosto é curvo, recortado de um bloco maciço. Assento em palhinha de málaca. Foi apresentada em 1963 na 2ª Exposição do Móvel como Objeto de Arte, na galeria de arte que agitava a loja da Oca na Praça General Osório, no Rio de Janeiro.

XIKILIN, 1973

Designer: *Sérgio Rodrigues (1927)* **Produção:** *Sérgio Rodrigues Arquitetura, desde 1973.*

A Xikilin tem estrutura em madeira maciça encerada, composta de duas laterais, duas travessas, quatro cunhas e quatro peças torneadas. O assento e o encosto são uma peça única, em couro natural, lona ou pele de vaca, fixados à estrutura com as peças torneadas. Recebeu menção honrosa em premiação do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) em 1973. A versão Kilin, produzida pela Oca, é uma adaptação feita pelo designer Freddy van Camp com o intuito de simplificar sua industrialização.



Arquiteto, Sérgio Rodrigues tornou-se um grande designer de móveis, a ponto de a enciclopédia Delta Larousse apresentar num verbete "Sérgio Rodrigues, o criador do móvel brasileiro". Fundou em 1955 a indústria Oca, nome que define uma intenção: retomar o espírito da simplicidade da casa indígena, integrar passado e presente na cultura material brasileira.

OURO PRETO, 1958

Designer: Michel Arnoult (1922) **Colaborador:** Norman Westwater **Produção:** Móvelia Contemporânea, entre 1958 a 1968. O exemplar da mostra foi cedido por Neide Hahn.

Autor de dezenas de cadeiras, Arnoult considera esta a peça de mobiliário mais difícil de fazer. A Ouro Preto tem estrutura em imbuia maciça torneada, molejo de monofios de nylon (fios de pesca) e almofadas soltas. Ela tem uma das principais características de Arnoult: é totalmente desmontável. Recebeu o Prêmio Roberto Simonsen de Desenho Industrial em 1964.

**PEG LEV, 1968**

Designer: Michel Arnoult (1922) **Produção:** Móvelia Contemporânea Ltda., de 1968 a 1978. Exemplar cedido por Michel Arnoult.

A cadeira Peg Lev foi desenhada especificamente para a exportação e teve como matérias-primas uma madeira tropical (pau ferro) e couro tipo hunting (não lixado). Era vendida desmontada, em embalagens de papelão projetadas por Hugo Kovadloff.

Francês, Michel Arnoult desembarcou no Brasil em plena "era desenvolvimentista" de Juscelino Kubitschek, nos anos 50. Desde então, dedicou-se integralmente ao design e eventualmente à produção de móveis modulados, em altas séries e a preços acessíveis. Uma das empresas que criou foi a Móvelia Contemporânea, esta junto com Abel de Barros Lima e Norman Westwater, que sobreviveu por duas décadas e teve um papel revolucionário no país. Uma de suas experiências foi usar as bancas de jornais como ponto de venda de móveis.



POLTRONA, ANOS 50

Designer: Zanine Caldas (1919) **Produção:** Z, São José dos Campos, SP, na década de 50. O exemplar da exposição foi cedido por Hugo Segawa.

Zanine Caldas chegou ao design através de sua atividade como maquetista. À procura de um material leve para fazer maquetes, em contato com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), de São Paulo, desenvolveu um laminado de 1/2 mm colado com craquelite, que era usado nos aviões Paulistinha. "Aí surgiu a idéia de desenhar móvel popular. Criou em 1950 a fábrica Z, onde desenvolveu um programa completo de mobiliário residencial. Esta poltrona apresentada na exposição foi restaurada dentro do espírito recomendado pelo autor ao proprietário: usar tecidos de algodão bem baratos, comprados na rua 25 de Março em São Paulo. Outra vertente do trabalho de Zanine, que infelizmente não se conseguiu mostrar na exposição, são os móveis utilizando toras maciças, gigantescas, ou restos de florestas queimadas, que podem ser chamadas de esculturas utilitárias.

POLTRONA R 3, 1952

Designer: *Jacob Ruchti (1917-1974)* **Produção:** *Branco & Preto, décadas de 50 a 70. O exemplar da exposição foi cedido por Ricardo Aflalo.*

A poltrona R3 é um exemplo do design racionalista da Branco & Preto, formada por Carlos Millan, Chen Hwa, Jacob Ruchti, Miguel Forte, Plínio Croce e Roberto Aflalo. Nas palavras de Marlene Milan Acayaba, autora de uma tese e um livro sobre o grupo, o móvel, segundo eles, “deveria ter uma clareza estrutural, ser ergonomicamente correto e, num certo sentido, relacionar-se com a produção tradicional”, com “soluções construtivas essencialmente arquitetônicas”. Produzidos em pequenas séries, “eram feitos a partir da associação entre madeiras — jacarandá da Bahia, caviúna, cabreúva ou pau-marfim — e mármore calacata, fórmica, vidro ou ferro”.

**AT 8000 LOGOS, 1959**

Designer: *Carlo Fongaro (1915-1986)* **Colaboradores:** *Departamento Técnico da Projeto e Departamento de Engenharia da Aços Villares*
Produção: *Projeto, desde 1959. Esta cadeira foi doada pela Projeto ao acervo do Museu da Casa Brasileira.*

A AT 8000 Logos foi a primeira linha de móveis para escritório lançada pela Projeto. Ela compreende uma extensa linha com chassis de madeira laminada moldada a quente, estofamento em espuma de poliuretano, suporte de encosto em aço temperado, base em perfil de aço e pintura em resina epoxídica. O encosto e o assento têm curvas compostas nos sentidos longitudinal e transversal, que possibilitam simultaneamente apoio na região lombar e acomodação da região dorsal.

São Paulo, anos 50. A intenção de dotar a arquitetura moderna de móveis também modernos faz nascer duas lojas: em 1951, na Rua Martins Fontes, o empresário Leo Seincman cria a Ambiente; um ano depois, na Rua Vieira de Carvalho, surge a Branco & Preto, formada por arquitetos egressos do Instituto Mackenzie. As duas fazem história. A primeira transforma-se na indústria Projeto, ativa até hoje e uma grande incentivadora de nosso design; a segunda sobrevive por 18 anos, mas seus móveis continuam surpreendentemente atuais.



POLTRONA PARA VISITA, 1954

Designer: *Pedro Schmidt (1927)* **Produção:** *Giroflex S/A, de 1954 a 1970.*

Poltrona fixa para visitas com espaldar médio e braços, feita em madeira envernizada, de tonalidade natural. Estofamento do assento com molas especiais e crina-latex, coberto de plástico reforçado. Borda molejada. Foram vendidas 40 mil unidades.

DIRETOR LUXO, 1954

Designer: *Pedro Schmidt (1927)* **Produção:** *Giroflex S/A, de 1954 a 1970.*

Poltrona executiva giratória com espaldar médio e braços, em madeira com pintura cinza. Estofamento do assento com molas especiais e crina-latex, coberto de plástico reforçado. Borda molejada. Foram vendidas 30 mil unidades.

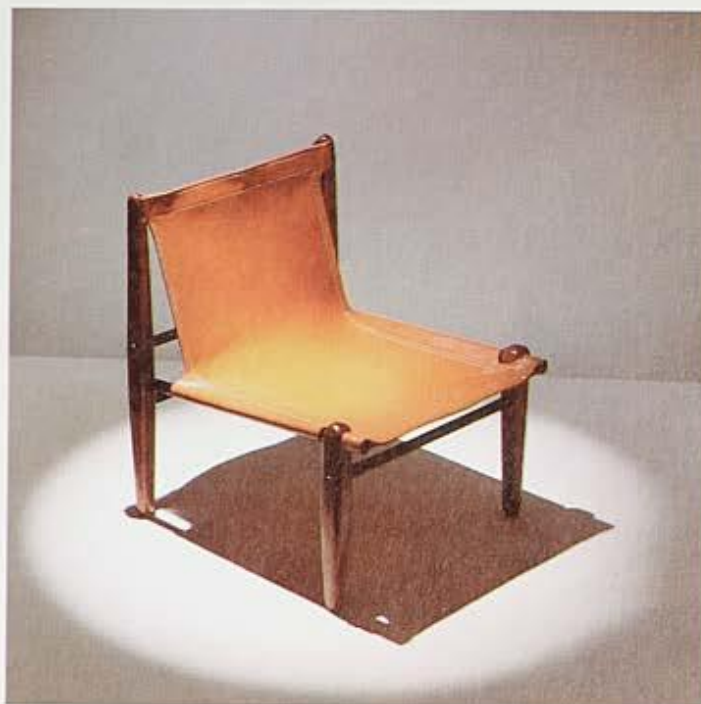


Criada em 1951, a Giroflex introduziu no Brasil as cadeiras reguláveis para escritório, a ponto de Giroflex tornar-se durante um tempo sinônimo de cadeira giratória. Além de trazer know-how suíço, investiu na pesquisa ergonômica, na medição antropométrica dos brasileiros e na pesquisa de materiais — da madeira maciça com estofamento de molas dos primeiros modelos, passou a matérias-primas como o aço, plástico, poliuretano e mensolite (resina poliéster reforçada com fibra de vidro).

POLTRONINHA, 1963

Designer: Alex Peirano Chacon (1935) **Produção:** Mac, Brasília, de 1964 a 1968.

Alex Chacon tem uma sólida experiência em design industrial (vários equipamentos hospitalares para o Hospital Sarah Kubitschek, além de muitos móveis) e gráfico. A Poltroninha foi projetada e desenvolvida quando o autor trabalhava no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Seu maior diferencial é o sistema de articulação baseado numa das qualidades da madeira — a de agir como mola —, aprisionando os tubos que entram nos furos forçados por uma pequena diferença de diâmetro, garantindo desse modo uma fixação sem riscos de folga. Esse recurso dispensa cola e parafusos e favorece a montagem no local de uso. Palavras do mestre Lúcio Costa sobre a Poltroninha: “Plástica impecável, desenho puro sangue do mago Alex.”

**JANGADA, 1972**

Designer: Jean Gillon (1919) **Produção:** Wood Art, 1973; a seguir Probel, para exportação. Exemplar da exposição cedido pelo autor.

Nascido na Romênia, onde se formou pelas faculdades de arquitetura e belas artes, Jean Gillon chegou ao Brasil em 1956, dedicando-se à arquitetura de interiores, design industrial e artes plásticas. Criou em 1956 a Wood Art para produzir sua própria linha de móveis, muitos deles exportados. É notável sua experiência no desenho de séries completas para hotéis cinco estrelas e para clubes. Composta de poltrona e banquinho, a Jangada tem uma estrutura escultural, que se modula ao corpo. Em jacarandá, rede de nylon, espuma de poliuretano e revestimento de couro, é inteiramente desmontável, o que facilitou sua exportação para 22 países.



POLTRONA D, 1964

Designer: *Karl Heinz Bergmiller (1928)* **Produção:** *Escriba, desde 1968.*

Alemão, Karl Heinz Bergmiller formou-se em design na famosa Escola de Ulm, trabalhou no ateliê de Max Bill, e veio para o Brasil em 1959, onde teve uma destacada atuação na criação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi). Estabeleceu uma política de design a longo prazo na Escriba, empresa paulista de mobiliário para escritórios na qual trabalha até hoje, dividindo seu tempo entre São Paulo e Rio de Janeiro. A poltrona D usa madeira maciça (angico) e couro natural. Sua palavra-chave é a simplicidade. Desmontada, a poltrona ocupa 1/10 de seu volume quando em uso, podendo ser transportada facilmente e montada sem complicações. A almofada no assento é opcional.

XAVANTE, 1976

Designer: *Freddy van Camp (1946)* **Produção:**
Oca, desde 1976.

Designer formado pela Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI), do Rio, que dirige atualmente, Freddy van Camp atua na área de produtos, interiores, exposições, embalagens e sistemas de sinalização aplicados à arquitetura. A Xavante foi criada quando ele trabalhava na Oca, tornando-se a primeira cadeira para datilografia com assento e encosto separados e reguláveis da empresa. As conchas do assento e encosto são em chassi de madeira moldada e espuma modelada. As curvas do assento e encosto foram determinadas em função de estudo ergonômico próprio, respeitando-se as limitações de custo do produto.

**ABX, 1976**

Designer: *Adriana Adam (1946) e Ana Beatriz Gomes (1947)* **Produção:** *Forma, São Paulo, de 1978 a 1987.*

O programa ABX compreendeu uma série de cadeiras para escritório com o uso intenso do alumínio extrudado — na lateral formando assento e encosto com encaixe para almofadas, nos braços e na base (aqui com acabamento anodizado polido). O desenvolvimento do projeto estendeu-se por três anos, e incluiu um exaustivo levantamento ergonômico no país, com a finalidade específica de determinar as medidas ideais para uma cadeira, que estaria baseada num perfil ideal, sem regulagens. Na época funcionárias da Forma, Adriana Adam e Ana Beatriz Gomes formaram-se em design no Mackenzie e fizeram pós-graduação em ergonomia.





LOBBY, 1974

Designer: Jorge Zalszupin (1922) e Paulo Jorge Pedreira (1945) **Colaboradores:** equipe técnica do L'Atelier Móveis **Produção:** L'Atelier, São Paulo, desde 1974.

Poltrona para salas de espera em grandes ambientes (aeroportos, hospitais, etc.), salas de recepção, etc. Estruturas laterais em alumínio ou ferro fundido com acabamento em pintura eletrostática ou polida (alumínio). Estofamento em poliuretano com diversos revestimentos. Sua estrutura interna é em barra redonda de aço com molas.

COMMANDER, 1975

Designer: Arnold Wolfer (1938) e Jorge Zalszupin (1922) **Produção:** L'Atelier, São Paulo, desde 1975.

Tem concha em fibra de vidro laminada em poliéster reforçado com fibra de vidro. Os braços e pés usam alumínio fundido, acompanhando o acabamento da estrutura, nilonizado ou polido. Estofamento do assento e encosto em espuma de poliuretano não inflamável, coberta com diversos revestimentos. Giratória e reclinável, pode ser apresentada com ou sem rodízios. Formado na Suíça em desenho industrial e arquitetura de interiores, Arnold Wolfer trabalhou no departamento de design da L'Atelier e depois abriu escritório próprio, desenvolvendo por exemplo os interiores do hotel Maksoud e a ala vip do aeroporto de Cumbica.



TECLA, 1975

Designer: Paulo Jorge Pedreira (1945) **Colaboradores:** equipe técnica do L'Atelier Móveis **Produção:** L'Atelier, São Paulo, de 1976 a 1985.
Exemplar cedido por Paulo Jorge Pedreira.

Cadeira para posto de trabalho com ajustes de altura do assento e do encosto. Materiais: cascas externas moldadas em poliéster reforçado com fibra de vidro. Enchimento interno do encosto em poliuretano rígido. Estofamento em poliuretano flexível de alta densidade. Estrutura em alumínio fundido. Base com mecanismo de regulação a gás fornecido pela Giroflex. Haste em aço curvado e cromado. Formado pela Escola Superior de Desenho Industrial, no Rio, Paulo Jorge Pedreira trabalha com design industrial e gráfico e engenharia de produtos desde 1963. Já recebeu vários prêmios.



RIBALTA, 1976

Designer: Oswaldo Mellone (1945) e Jorge Zalszupin (1922) **Produção:** L'Atelier, desde 1976.

Poltrona para auditórios, a Ribalta tem estrutura lateral em ferro fundido ou em compensado de madeira revestida com couro sintético, couro natural ou tecido. Travessa inferior de ligação das laterais em perfil metálico, com passagem de fiação entre as poltronas. Acabamento nailonizado. Assento e encosto com estrutura interna metálica com molas "nozag", recobertos em espuma de poliuretano moldado, totalmente revestidos em couro sintético, tecido ou couro natural. Assento rebatível manual ou auto-retrátil.

O arquiteto polonês Jorge Zalszupin chegou ao Brasil no final da Segunda Guerra, exercendo sua profissão especialmente em projetos de interiores. Em 1955 criou com outros sócios a L'Atelier, que passou a se dedicar especialmente a móveis de escritório. A empresa destacou-se por suas inovações tecnológicas, como o uso do poliuretano e do plástico. Seu departamento de desenvolvimento de produtos atraiu grandes nomes do design nacional (em certas épocas, tinha mais de 30 pessoas) e atendia também a outras empresas do grupo, como a Hevea, a Labo Eletrônica e a Ferragens e Laminação Brasil. Hoje Zalszupin vive na Europa.

OS ARQUITETOS

Muitos dos pioneiros na criação do mobiliário moderno brasileiro foram arquitetos que projetavam o móvel como um complemento de seu projeto de arquitetura, e não se preocupavam em produzi-lo em série. Mas criaram peças de tanta qualidade que transcenderam o ambiente para o qual se destinavam, tornando-se clássicos, sementes de transformação e inovação.



CADEIRA EM ESTRUTURA METÁLICA, ANOS 30

Designer: *Gregori Warchavchick (1896-1972)* **Produção:** *Nucleon 8, desde 1985.*

“O arquiteto moderno deve não somente deixar de copiar os velhos estilos, como também deixar de pensar no estilo. (...) O arquiteto moderno deve amar sua época, com todas as suas grandes manifestações do espírito humano.” Palavras do russo Gregori Warchavchick em seu manifesto *Acerca da Arquitetura Moderna*, de 1925, postas em prática nas casas modernistas que projetou em São Paulo. O mestre do modernismo sempre concebeu o projeto como um todo — não só a “casca”, mas também os interiores, os jardins, o mobiliário etc. Seus conceitos encontram plena expressão nesta cadeira em tubo metálico cromado e couro sola, com que a Nucleon 8 iniciou sua coleção *Os Modernos Brasileiros*.

POLTRONA, ANOS 40

Designer: John Graz (1891-1980) **Produção:** Móveis Teperman, desde 1993. O exemplar da exposição foi doado pela Casa Teperman para o acervo do Museu da Casa Brasileira.

Sufço, John Graz participou ativamente da Semana de 22 ao chegar ao Brasil. Dedicou-se às artes plásticas e aos projetos de interiores, com projetos globais — ele desenhava móveis, objetos, vitrais, jardins, luminárias etc., numa linguagem art-deco. Esta poltrona foi editada pela Casa Teperman com base num rascunho deixado pelo autor. Não havia indicações de materiais, mas em sua reinterpretação atualizada Délia Beru, da Teperman, optou por alumínio polido nos pés frontais e madeira (pau-marfim, madeira ebanizada ou embuia tingida) e nos pés posteriores. O estofamento do assento tem vários revestimentos.



CADEIRA, ANOS 40

Designer: Oswaldo Arthur Bratke (1907) **Produção:** Eventual, feita pelo autor para uso pessoal. Exemplar cedido por ele.

Da geração dos engenheiros-arquitetos, Oswaldo Bratke fez mais de mil projetos de hotéis, hospitais, indústrias, escolas, edifícios e especialmente residências, mas o que mais gostaria de ter feito é “a casa para o homem pobre, bem simples, que a própria família executasse”. Em seus vários projetos de mobiliário, o propósito foi o mesmo: idealizar peças que qualquer pessoa pudesse executar. A simplicidade é o forte desta cadeira: ela usa apenas um parafuso em sua montagem, e permite uma grande economia (cada peça usa 60 cm² de compensado naval de 2 cm de espessura).



CADEIRA PARA ESCRITÓRIO, 1945

Designer: Vilanova Artigas (1915-1985) **Produção:** Nucleon 8, desde 1985.

"Criar, versar os destinos da arte e da cultura é arriscar-se pela liberdade." Um dos mestres da arquitetura moderna brasileira, Artigas deixou um conjunto de obras em que está expresso o trabalho de criação como a síntese da arte e da técnica. Em seus projetos preocupava-se em superar desafios pela pesquisa estética de novas soluções técnicas, da estrutura aos pormenores. Concebeu algumas peças de mobiliário para alguns dos edifícios que projetou, como a cadeira giratória para o escritório de seguros A Equitativa. Com estrutura em metal pintado em epoxi preto fosco, tem assento e encosto estofados em espuma, revestidos em couro natural ou tingido.

POLTRONINHA, 1959

Designer: Júlio Katinsky (1932) **Produção:** L'Atelier, de 1959 a 1967. Exemplar cedido por Eduardo Longo.

Júlio Katinsky começou a atividade de designer ainda como estudante, em 1953, quando lhe foi encomendado o desenho de uma prancheta e um banco. De 1957 a 1959 trabalhou com Jorge Zalszupin na L'Atelier, desenvolvendo várias peças. Sua Poltroninha teve grande sucesso comercial, a ponto de, com o recebimento dos royalties, ter sustentado seu escritório de arquitetura durante sete anos. Concebida para salas de estar e varandas, tem estrutura de aço e madeira, e assento e espaldar em couro.

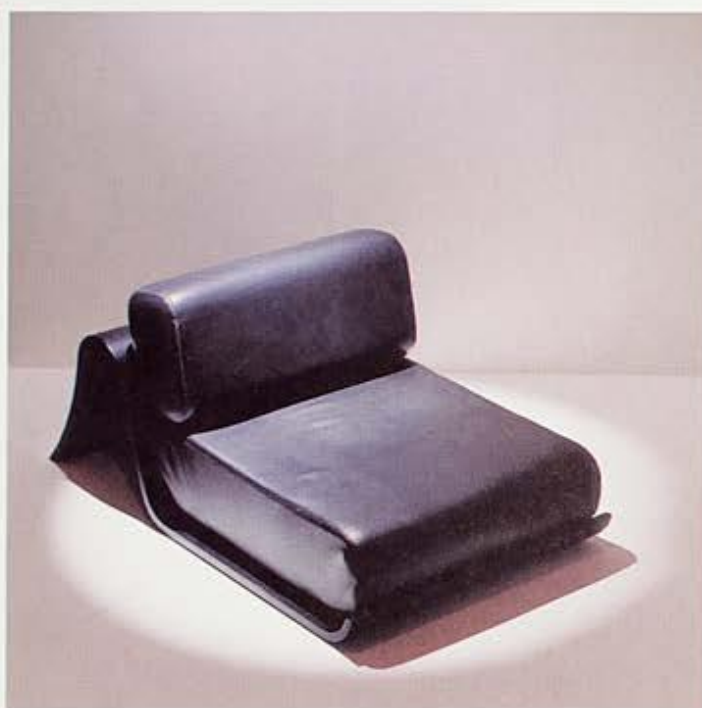


CADEIRA DE PERCINTAS, ANOS 50

Designer: *Flavio de Carvalho (1899-1973)*

Produção: *Nucleon-8, desde 1985.*

Arquiteto, engenheiro, pintor, escultor, ensaísta, cenógrafo, figurinista, criador de casos, libertário, Flávio de Carvalho foi também um designer metucioso, projetando todos os detalhes (de maçanetas a luminárias e pisos) das casas que projetava. Esta cadeira foi projetada para a famosa Fazenda Capuava, em Valinhos, interior de São Paulo. A estrutura metálica pintada suporta o assento e encosto em couro sola na cor natural ou preto. O couro é inteiriço no assento e em percintas rebitadas à estrutura no encosto, formando um desenho antropomórfico que contrasta com a forma redonda da estrutura e lembra um esqueleto. O resultado é uma cadeira delgada, extremamente elegante.



EASY CHAIR, 1978

Designer: *Oscar Niemeyer (1907)* **Colaboradora:** *Ana Maria Niemeyer (1935)* **Produção:** *Tendo Brasileira, São Paulo, de 1978 a 1984; Móveis Teperman, desde 1989. Exemplar cedido por Móveis Teperman.*

O grande arquiteto brasileiro não se limitou à arquitetura, mas desejou contribuir também ao desenvolvimento de nosso mobiliário. Sua opção foi pelo uso de madeira prensada. “Em vez das estreitas faixas de madeira prensada que o mobiliário sueco adotava, optamos pela criação de elementos mais largos, de formas mais variadas. Esta opção foi a que mais nos agradou, pela simplicidade construtiva que dá ao mobiliário e pelas variações formais que ela possibilita”. A Easy Chair é um exemplo: sua estrutura é um único elemento em madeira prensada, curva, laqueada em preto; o estofamento usa poliuretano expandido revestido em couro.

OS ARTISTAS

Designer não é artista, insistem em esclarecer os designers. Mas alguns artistas plásticos criaram cadeiras com um design primoroso, que resiste ao tempo e às modas.



CADEIRA EM MADEIRA, ANOS 30

Designer: *Lasar Segall (1891-1957)* **Produção:** *Nucleon 8, desde 1985. Exemplar cedido pelo Museu Lasar Segall.*

Nascido na Lituânia, ao radicar-se no Brasil em 1923 Lasar Segall já era famoso na Europa por sua obra marcadamente expressionista. Criada provavelmente em 1932, esta cadeira tem estrutura e braços em madeira maciça ebanizada e assento revestido em tecido.

CADEIRA EM MADEIRA MACIÇA, 1954

Designer: *Mário Cravo Junior (1923)* **Produção:** *Nucleon 8, desde 1989.*

O baiano Mário Cravo Junior não é apenas um de nossos maiores escultores e artistas plásticos. Por seu grande interesse em tecnologia e seu trânsito livre com diferentes materiais (mármore, granito, pedra sabão, madeira, metais, plástico, poliéster, borracha etc.), de vez em quando faz incursões ao design. Esta cadeira tem estrutura em ferro preto, assento e encosto em madeira maciça feito com o auxílio de uma fresa copiadora.



CADEIRA PARA REPOUSO, 1956

Designer: *Aparício Basílio da Silva (1935-1992).*

Artista plástico, empresário da famosa perfumaria Rastro, "criador de modas" (nas palavras de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade), poeta, Aparício Basílio da Silva também foi um designer de frascos de perfumes, de sabonetes feitos sob medida para não escorregarem das mãos, de embalagens para presentes... e de cadeiras. Esta espreguiçadeira para áreas externas usa madeira pintada com estofamento em espuma revestido em lona.

OS
CONTEMPORÂNEOS



berto o caminho pelos pioneiros, o design brasileiro de mobiliário pôde florescer e desenvolver-se. Os criadores hoje não se concentram mais no eixo São Paulo-Rio, mas estão espalhados por vários estados, de norte a sul. Num país de dimensões continentais, com acentuadas diferenças regionais, também no design o que nos caracteriza é a diversidade, além da abrangência do que se concebe por contemporaneidade. Convivem a um só tempo propostas conceituais mais ousadas e aquelas que buscam simplicidade formal e construtiva. Alguns perseguem uma linguagem que reflita a nossa identidade cultural. Outros apostam no uso de materiais alternativos, mais acessíveis e baratos. Uma preocupação relativamente nova é o uso de madeiras que possam ser reflorestadas.

No campo da produção, os últimos anos viram surgir um número considerável de pequenas e médias oficinas e marcenarias. Cansados de bater nas portas tantas vezes fechadas das grandes indústrias, muitos jovens designers arregaçaram as mangas e partiram para a auto-produção. Os últimos anos viram surgir ainda uma apropriação de novas tecnologias e novos materiais, sobretudo nas cadeiras de escritório, que cada vez vão se parecendo mais com “máquinas de sentar”, desafiando a definição de que sentar-se significa um ato estático, a renúncia ao movimento.

Sentar-se para o trabalho ou para o lazer configuram-se em soluções formais bastante distintas. Cadeiras para uso residencial tendem a estabelecer um grau maior de identidade com o usuário. Mas também vêm ganhando em mobilidade: acompanhando mudanças no comportamento e no estilo de vida das pessoas, as cadeiras pesadas, difíceis de deslocar, não têm mais sentido num mundo mutável, em que se quer tudo mais versátil.



JULIA, 1980

Designer: Sergio Rodrigues (1927) **Produção:** Sergio Rodrigues Arquitetura, Rio de Janeiro, desde 1980.

Pioneiro, Sergio Rodrigues continua produzindo — e muito — até hoje. A Julia tem estrutura em madeira maciça encerada, composta de duas laterais, duas travessas, assento e encosto que recebem a fixação de palhinha. A versão estofada se dá com a aplicação de um elemento em compensado estofado em poliuretano revestido em couro ou tecido, tanto no assento quanto no encosto.

ESPREGUIÇADEIRA, 1985

Designer: Paulo Mendes da Rocha (1928) **Produção:** Nucleon 8, São Paulo, desde 1985.

A união do traço puro do desenho com a inquietação contínua de tirar partido das conquistas tecnológicas marcam a criação de Paulo Mendes da Rocha não só na arquitetura, como também no design. Aliás, seu raciocínio ao projetar móveis também é claramente arquitetônico, com um sistema de construção por trás. Sua descrição da espreguiçadeira: é formada por duas "fitas" de aço flexível unidas por barras de perfil circular que fixam a cadeira em quatro posições. Apoia-se sobre um cavalete rígido, também de perfil circular. A fresta entre as fitas é uma "guia" para o ajuste da posição da almofada em plástico que serve para o apoio da nuca.



ARO 68, 1989

Designer: *Fulvio Nanni Jr. (1952)* **Produção:**
Nanni Movelaria, São Paulo, desde 1989.

A Aro 68 tem estrutura de ferro pintado de preto. O assento e o encosto são feitos com ripas de madeira maciça revestidas com laminado plástico.



RAIO 23, 1989

Designer: *Fulvio Nanni Jr. (1952)* **Produção:**
Nanni Movelaria, São Paulo, desde 1989.

Cadeira em madeira maciça com acabamento em pátina, ebanizado ou natural. Em cores contrastantes, como detalhe funcional apresenta orifícios nos braços para facilitar a movimentação. O corpo (braços, assento, encosto) é realizado em compensado, e os pés, em madeira maciça.

Formado pela Universidade Mackenzie, com curso de especialização na Scuola Politecnica Di Design, em Milão, Itália, Fúlvio Nanni é um de nossos mais destacados designers de mobiliário, interiores e objetos, com uma linguagem contemporânea e experimental. Abriu seu próprio espaço de produção e comercialização, a Nanni Movelaria, em 1981, na Rua Augusta, na capital paulista.



ARCO IRIS, 1989

Designer: *Reno Bonzon (1954)* **Produção:** *Bonzon Design, Ubatuba, SP, desde 1989.*

Marceneiro na França, Reno Bonzon chegou ao Brasil em 1986 disposto a comprar madeira para produzir lá. "Caiu" direto em Ubatuba, litoral de São Paulo, apaixonou-se pelo país e desde então é um de nossos designers mais destacados, aplicando aqui técnicas como o uso do laminado colado com resina epóxi e prensado a frio. Um exemplo é a cadeira Arco Iris, versão sem balanço da premiada Gaivota (ver Módulo 4).

FLOR, 1980

Designer: *Maurício Klabin (1952)* **Produção:** *Forma, de 1985 a 1990; Mec Prec, Rio de Janeiro, desde 1989.*

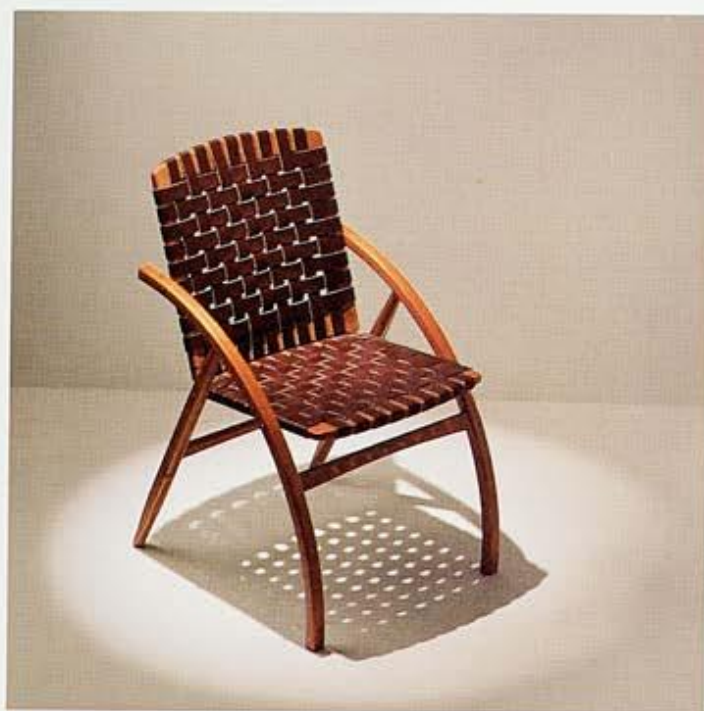
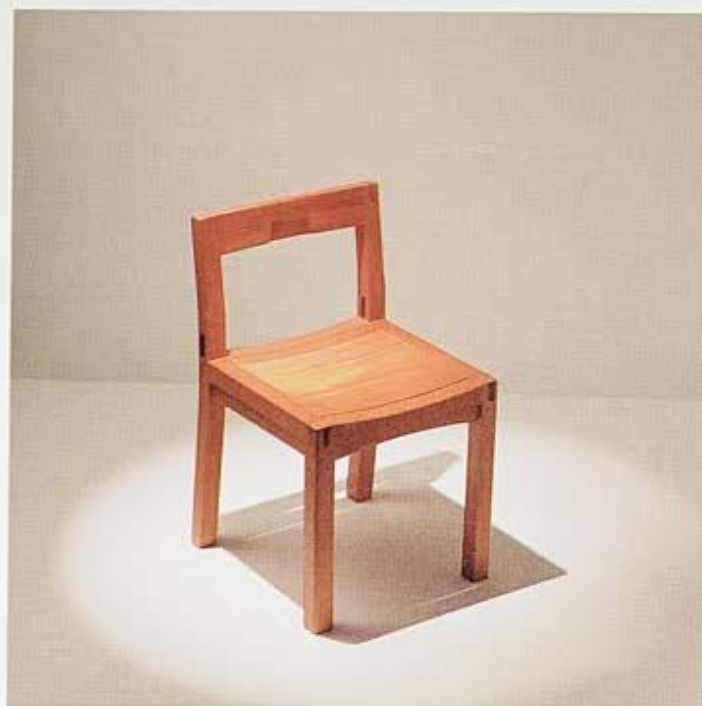
Engenheiro mecânico de formação, fotógrafo e designer, Maurício Klabin emprega técnicas construtivas metalúrgicas na elaboração da poltrona Flor, em aço tubular, aço mola, espuma no estofamento e revestimento de tecido ou couro. Ela usa o sistema de suspensão Kalanto, criado por Klabin com base na barra de torção do automóvel, de modo a assimilar as vibrações do corpo humano. O aro em aço mola preso solidamente em um só ponto produz uma oscilação que simula os braços de uma mãe ou os galhos de uma árvore, resultando numa poltrona muito confortável, usualmente acompanhada da banquetta Kanto.



PROSA-NOSSA, 1985

Designer: *Maurício Azeredo (1948)* **Produção:** *oficina própria, Pirenópolis, GO, desde 1985.*

Trabalhando numa pequena oficina em Pirenópolis, interior de Goiás, em séries limitadas, Maurício Azeredo alia o apurado rigor técnico a uma linguagem que busca suas raízes no móvel vernacular brasileiro. A Prosa-Nossa, em madeira maciça, tem suas partes fixadas e travadas entre si por encaixes mútuos, dispensando o uso de pregos, parafusos ou outros meios fixadores convencionais. Faz parte da Série Brasileirinho, composta de outras peças de mobiliário que seguem o mesmo princípio construtivo.

**FLEXA, 1990**

Designer: *Carlos Motta (1952)* **Colaborador:** *Antonio Carriel* **Produção:** *Fábrica de Cadeira São Paulo, São Paulo, desde 1990.*

Com duas fábricas e um showroom em São Paulo, Carlos Motta tem uma produção que revela a influência da simplicidade dos móveis escandinavos e dos norte-americanos, especialmente aqueles dos seguidores da seita Shaker. A Flexa — um dos modelos mais recentes numa produção muito fértil especialmente em cadeiras — é construída de forma semi-industrial com mogno e amendoim maciços e arcos de lâminas de mogno moldados a quente. Os acabamentos são versáteis: percinta em algodão colorido ou couro, palha ou estofamento.

Duas estrelas de primeira grandeza no mobiliário nacional: Maurício Azeredo e Carlos Motta. Ambos são arquitetos, mas fizeram do design e da paixão pela madeira seus ofícios, cada qual à sua maneira. Em comum ainda, o fato de serem várias vezes premiados (ver Módulo 4).



GAZELA, 1992

Designer: *Jacqueline Terpins (1950)* **Colaboradores:** *Delia Beru e Francisco F. Sales* **Produção:** *Móveis Teperman, São Paulo, desde 1992.*

Jacqueline Terpins chegou ao design através das artes plásticas, mas desde logo demonstrou estar completamente à vontade com materiais tão diversos como o vidro, o alumínio e a madeira. A Gazela transpõe para o mobiliário as curvas sinuosas que caracterizam seu trabalho em vidro. Usa laminado colado a frio em formas macho e fêmea no assento e encosto inteiriços, e madeira maciça nos pés. Opções: madeira ebanizada, marfim ou imbuia tingida.

ERIKA, 1992

Designer: *Eduardo Lamassa (1960)* **Produção:** *Móveis Teperman, desde 1994.*

Mineiro, Eduardo Lamassa mantém desde 1986 um escritório de arquitetura em Belo Horizonte, onde projeta também interiores. Chegou ao design através da arquitetura e, apesar de bem jovem, já tem se destacado por seu desenho consistente (ver Módulo 4). A cadeira Erika tem encosto em multilaminado curvado de mogno natural encerado, estrutura em pau-marfim ebanizado e assento em couro natural preto.



Criada em 1946, a Móveis Teperman tornou-se na década de 50 representante brasileira da Herman Miller, empresa norte-americana que sempre se destacou pela alta qualidade de seu design, reunindo nomes como Charles Eames, George Nelson e Isamu Noguchi. Seu investimento no design brasileiro se deu especialmente após a criação de sua divisão residencial, a Casa Teperman, em 1989, dirigida por Delia Beru, quando passou a produzir móveis tanto de autores consagrados (Oscar Niemeyer, John Graz etc.) quanto de jovens estreadores em cujo valor decidiu apostar.

PROSIT, 1990

Designer: *Günter Parschalk (1954)* **Produção:**
Móveis Teperman, São Paulo, desde 1990.

Formado em arquitetura, Günter Parschalk fez pós-graduação em design na Áustria e desde então transita com competência por áreas como projetos de iluminação, design de móveis para várias empresas (de tiragens limitadas a séries grandes) luminárias, objetos etc. Em sua produção, alia uma constante experimentação formal à absorção de novas tecnologias. A Prosit aproveita madeiras de aparas, evitando o uso de madeira maciça e aproveitando o visual de topo que lembra a marquetaria. Com estrutura em madeira multilaminada e assento e encosto revestidos em tecido ou couro, foi criada para acompanhar sala de jantar.

**ORGÂNICA, 1990**

Designer: *André Isai Leirner (1968)* **Produção:**
Móveis Teperman, São Paulo, desde o final de 1994.

O projeto da cadeira Orgânica nasceu de uma tese de iniciação científica que Leirner desenvolveu na FAU-USP visando comprovar a viabilidade de produção de uma cadeira em madeira de reflorestamento laminada, vergada e colada. Feita inicialmente em eucalipto, foi exposta na Eco 92. Fácil de produzir e de montar, com boa resistência mecânica, leve, adequada ergonomicamente, a cadeira Orgânica reúne qualidades que a credenciaram a ser um dos poucos projetos que passaram praticamente direto dos bancos da universidade à produção numa grande empresa. O exemplar apresentado na exposição é o protótipo.



FREI EGÍDIO, 1987

Designer: Lina Bo Bardi (1915-1992) **Colaboradores:** Marcelo Carvalho Ferraz e Marcelo Suzuki **Produção:** Marcenaria Baraúna, São Paulo, desde 1987.

A cadeira Frei Egídio foi projetada originalmente para o Teatro Gregório de Mattos, em Salvador, BA, que Lina restaurou na década de 80. Dobrável e empilhável, ela é muito leve (4 kg). Usa araucária (pinho do Paraná) com acabamento em cera de carnaúba. O nome é uma homenagem a um frei franciscano italiano que morou muitos anos em Uberlândia, MG, e convidou Lina para projetar a Igreja Santo Espírito do Cerrado.

LIGHT, 1990/91

Designer: Marcelo Carvalho Ferraz (1955) **Produção:** Marcenaria Baraúna, São Paulo, desde 1993.

De geometria muito simples, é composto de planos ortogonais que se encontram, em pau-marfim maciço, com acabamento em cera. O encabeçamento arredondado nas linhas superiores visa dar maior conforto no apoio dos braços e costas. O sofá Light, na verdade um banco, "tenta resgatar o sentar correto e elegante (enquanto postura) que vem se perdendo nos dias de hoje, e que até o final do século 19 e início do século 20 eram dados primordiais em qualquer proposta", diz Marcelo Ferraz.



Criada em São Paulo em 1986, a Marcenaria Baraúna reúne os arquitetos Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. Funciona como uma extensão de seu escritório de arquitetura, não por acaso denominado Brasil Arquitetura. Simplicidade construtiva e formal, valorização das madeiras nacionais e uma apropriação das soluções populares na linguagem são algumas das características de seu trabalho. A Marcenaria também produz móveis mais recentes de Lina Bo Bardi, feitos em parceria com Ferraz e Suzuki.

CAIPIRA, 1991

Designer: *Francisco Fanucci (1952)* **Produção:**
Marcenaria Baraúna, São Paulo, desde 1993.

Releitura do tradicional banco caipira, de construção bastante simples, constituído basicamente de dois "pórticos" unidos por uma travessa longitudinal. Seu assento é formado pelos dois planos superiores inclinados que possibilitam maior conforto. Disponível em vários tamanhos, de banquinho individual a banco coletivo para vários lugares. Usa cabriúva com acabamento em cera.



BORBOLETA, 1993

Designer: *Marcelo Suzuki (1956)* **Produção:**
Marcenaria Baraúna, São Paulo, desde 1993.

Estrutura em amendoim e superfícies em pinho, com acabamento em cera natural. Retomando a idéia de mudança de planos já desenvolvida na cadeira Brava, desta vez, quatro peças idênticas em pinho de primeira recebem lixamento em ângulos que proporcionam o conforto desejado. O conjunto estruturalmente é de grande resistência, permitindo uso intenso. A Borboleta é empilhável de três a três.



PÊNSIL, 1994

Designer: Paulo Milani (1958) **Produção:** Etel Marcenaria, Valinhos, SP, 1994.

Banco dobrável em madeira, o Pênsil reaproveita sobras de madeiras nobres, remontadas como um tecido, criando uma superfície maleável e agradável ao sentar. A montagem é feita em cabo de aço, com técnica de tramado. Estrutura em "X", em que o tamanho do tecido funciona como trava de largura. Arquiteto com pós-graduação em comunicação e semiótica, Paulo Milani tem um trabalho sem fronteiras — projeta casas, lojas, mobiliário, iluminação, objetos, tecidos, roupas, cenários etc., à maneira de Flávio de Carvalho, do qual é um estudioso.

SICUPIRA, 1993

Designer: Claudia Moreira Salles **Produção:** Etel Marcenaria, Valinhos, SP.

Carioca formada pela Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI), Claudia Moreira Salles encontrou na Etel Marcenaria uma parceira para produzir seus móveis desenhados para uso em ambientes específicos ou para produção em série. A cadeira Sicupira é parte da linha Dueto, composta ainda de banqueta e cama. Sua principal característica formal é a pequena curvatura do encosto, preso à estrutura por pinos distanciadores em madeira. Materiais: imbuia, espuma recoberta com lona crua e palhinha trançada. A estrutura, assento e encosto são conectados por cavilhas e espigas coladas.



Uma pequena fábrica criada em 1987 em Valinhos, interior de São Paulo, agora com showroom na capital, a Etel Marcenaria transformou-se em poucos anos num dos mais respeitados produtores brasileiros de móveis de madeira, por seu acabamento primoroso e construção perfeita, resultado do uso quase reverencial da matéria-prima. A proprietária Etel Carmona tem atraído nomes significativos do nosso design. Os móveis têm preços altos e são feitos em séries pequenas, num trabalho que já tem repercussão na mídia internacional.



NILO, 1993

Designer: *Alberto Busacca (1959)* **Produção:** *Etel Marcenaria, Valinhos, SP, desde 1993.*

Em pau-marfim maciço e cordão de algodão resinado, a cadeira Nilo tem um perfil esbelto que pode dar a impressão de fragilidade. Só impressão: seu projeto e sua execução rigorosa garantem uma grande resistência. Os montantes laterais do assento apresentam tendas para a execução da tecelagem, e a mesma trama foi tecida no encosto. A peça é muito leve, não só de forma figurada: pesa apenas 2,5 kg.



CAROLINA, 1986

Designer: Ricardo van Steen (1958) **Colaboradores:** Manoel D'Assumpção, Carlos Manoel C. Almeida e Dimitri Lee **Produção:** Protótipo.

Desenhada para ser produzida por uma indústria de molas para veículos, a Molas Sueden, a poltrona Carolina usa apenas aço temperado e couro, estruturando-se com dois parafusos. Os detalhes da parte metálica foram simplificados ao máximo para poderem se adaptar à mão-de-obra da fábrica. A parte em couro, em contrapartida, deveria ser executada artesanalmente, devido à complexidade dos detalhes. O sistema de fechamento delicado, inspirado nas dobradiças vendidas a metro, requer a maior exatidão. O protótipo é peça única. Ricardo Van Steen é publicitário e um dos diretores da CVS.

COCKPIT, 1994

Designer: Guto Lacaz (1948) **Colaborador:** Márcio Colaferro **Produção:** Espaço Interior, São Paulo, desde 1994.

Chaise-longue para descanso e para ver tevê, a Cockpit tem estrutura em madeira coberta com espuma de nylon e revestimento em tecido. Foi concebida para a Mostra de Estofaria realizada pela Espaço Interior, uma empresa dirigida pelo designer Márcio Colaferro que visa estimular o design de autor. Formado em arquitetura, Guto Lacaz dedica-se às artes plásticas (desenhos, pinturas, instalações, performances, esculturas), ilustração, design gráfico e design de produtos.



NONON, 1986

Designer: Arthur de Mattos Casas **Produção:** Casas Edições de Design, São Paulo, desde 1986.

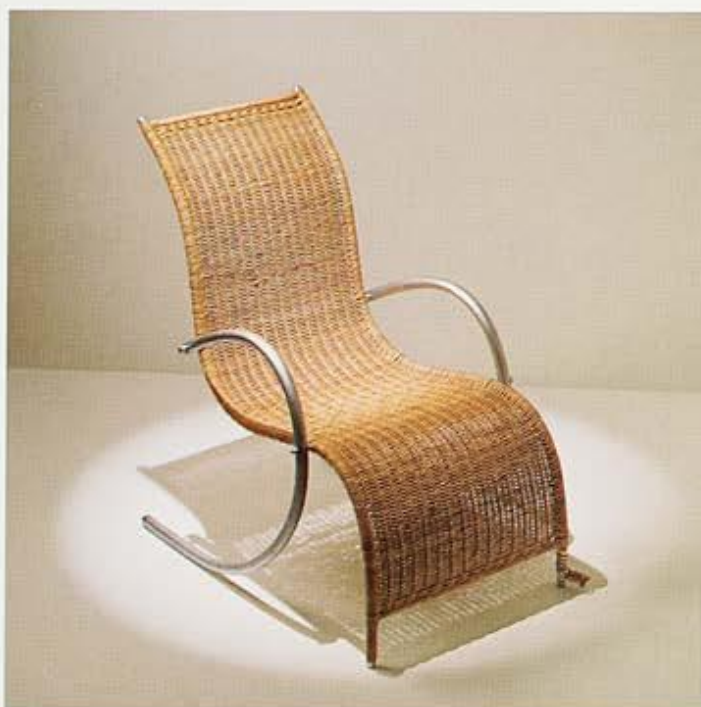
Estrutura de metal cromado ou pintado com epóxi a pó (pintura eletrostática) na cor preta. Assento e encosto em madeira natural ou ebanizada, com estofamento em couro ou tecido.



NATIVA, 1994

Designer: Arthur de Mattos Casas **Produção:** Casas Edições de Design, São Paulo, desde 1994.

Estrutura e braços em tubo de ferro cromado fosco. Revestimento em junco natural.



Arthur de Mattos Casas é um dos mais respeitados arquitetos de interiores hoje no país, com uma linguagem muito particular, que une jovialidade e sobriedade. O interesse por mobiliário surgiu como um complemento de seus projetos de arquitetura, todos exaustivamente detalhados. Devido ao interesse provocado pelos móveis, passou a produzi-los em baixas séries e apresentá-los em showroom próprio, o Casas Edições de Design, em São Paulo.



CLIP, 1993

Designer: *Pedro Useche (1956)* **Produção:** *Useche Arquitetura/Design, São Paulo, 1993.*

Arquiteto venezuelano, Pedro Useche atua no mercado moveleiro desde 1990, apresentando em seu showroom um trabalho com linguagem contemporânea de produção artesanal. A Clip tem assento e encosto em espuma de 3 cm de espessura e revestimento em capa de lona e tecido, removíveis para manutenção. É construída com tubo calandrado, unido através de solda e encaixes (ferro redondo 3/4 torneado para encaixe do encosto e ponteira de acabamento). Tem capacidade de empilhar até 10 peças.

ZETA, 1993

Designers: *Simone Mantovani (1959) e Candida Tabet (1957)* **Produção:** *Mantovani Tabet Arquitetura & Design, São Paulo, desde 1993.*

A Zeta atende a um nicho quase inexplorado: é uma cadeira para exteriores, tanto terraços quanto jardins, podendo ser exposta ao sol e à chuva. Usa ferro chato com pintura epóxi na base e réguas de ipê maciço no assento e encosto. Sua comodidade é garantida pelo assento curvo anatômico e pelo suave balanço proporcionado pela base em formato "Z". Base de ferro moldada e soldada, parafusada à estrutura de madeira; assento e encosto em réguas maciças cavilhadas à estrutura de madeira.





LIPTUS, 1994

Designer: Michel Arnoult (1922) **Produção:** Móveis Conquistador, Mauá, SP, desde 1994.

A mais recente cadeira do precursor Michel Arnoult usa o eucalipto, que ele considera a grande alternativa para a fabricação de móveis no Brasil. A Liptus é inteiramente composta de peças maciças de 22 mm x 50 mm de largura, o que permite uma boa secagem ao tempo da madeira, além de, do ponto de vista industrial, possibilitar uma simplificação na usinagem, pois todas as peças passam pela mesma calibração. Desmontável, é comercializada com exclusividade no Brasil pela Tok & Stok.



LOUISIANE, 1986

Designer: *Fernando Jaeger (1956)* **Produção:** *Projetos & Produtos, São Paulo, desde 1986.*

A Louisiane já teve cerca de 16 mil exemplares vendidos pela rede de lojas Tok & Stok, um número excepcional no design brasileiro. Cadeira de inspiração nos estilos Shaker e Thonet, foi concebida com a intenção de resgatar suas principais características: um design clássico, de formas simples, sem adereços desnecessários, que resiste ao passar dos anos. Seu desenho foi estendido a várias outras peças: cadeira com braços, namoradinha, cadeira de balanço e cadeira de escritório. Usa madeira maciça (açoita-cavalo), torneada em sua grande maioria.

SPAGUETTI, 1989

Designer: *Fernando Jaeger (1956)* **Produção:** *Projetos & Produtos, São Paulo, desde 1989.*

Com um desenho contemporâneo, a Spaguetti resgata um material muito empregado nas cadeiras populares brasileiras: o espaguete de PVC maciço, enrolado manualmente. Sua estrutura é de ferro maciço perfilado, dobrado e soldado, com pintura eletrostática a pó. Empilhável, pode ser utilizada tanto em ambientes internos quanto externos. Recebeu o Prêmio Design Movesp 1991.



Formado em desenho industrial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o jovem Fernando Jaeger tem conseguido realizar o que foi um sonho frustrado de muitos pioneiros: produzir em alta escala móveis com qualidade de desenho num custo acessível à classe média. Ele trabalha com oito indústrias diferentes.



OX, 1991

Designer: *Fernando Jaeger (1956)* **Produção:** *Projetos & Produtos, São Paulo, desde 1991.*

O objetivo do projeto da Ox foi elaborar uma cadeira de linhas limpas, formas simples, de fácil produção industrial seriada e custo acessível. A estrutura usa madeira maciça e o encosto, multilaminado curvo, com detalhe em marchetaria. As bordas aparentes mostram o "sanduíche" de lâminas. O assento é estofado, com vários revestimentos: tecido pintado à mão, antílope, pele de boi ou couro liso. A madeira pode ser açoita-cavalo, pau-marfim ou eucalipto — espécie até então usada apenas para a fabricação de celulose e que Jaeger utilizou em móveis pela primeira vez. Por seu design e pelo uso do eucalipto, ecologicamente correto, a Ox recebeu o Prêmio Ibama/Movesp 1992.



TONA, 1989

Designer: *Guilherme Bender* **Produção:** *Renar Móveis, Fraiburgo, SC, de 1989 a 1993.*

Produzida em séries muito grandes para mercados populares, a Tona usa pinus obtido de florestas plantadas e renováveis. O baixo peso específico da madeira permitiu o desenho de uma estrutura com excelente dimensionamento, sem peso excessivo, desmontável e muito apropriada para pequenos espaços. O produto também incorporou novos tratamentos de superfícies como o tingimento por saturação e o "spray over". Concebida pelo designer paranaense Guilherme Bender, a linha Tona de móveis para refeições foi premiada no Salão Design Movelsul 92, realizado em Bento Gonçalves, RS.

SIT DOWN, 1992

Designer: *Dirceu Guarda (1958)* **Colaboradores:** *Henrique José Bertolini, Vilso Lazzarotto e Ademar Baú* **Produção:** *Metalúrgica Bertolini, Bento Gonçalves, RS, desde 1992.*

Muito simples, a Sit Down foi a grande premiada do Salão Design Movelsul 92. O cliente, tradicional fabricante gaúcho de armários de aço para cozinha, pediu a Dirceu Guarda, do escritório de arquitetura e design Degrau, de Porto Alegre, uma cadeira que se integrasse à sua linha e se adaptasse ao processo produtivo existente. Guarda respondeu com uma peça que é vendida desmontada, com um excelente uso da chapa de aço, pintada em várias cores com pintura eletrostática a pó. Além do prêmio, o designer recebeu a maior confirmação do acerto de seu projeto: ao preço de US\$ 20, até agora já foram comercializadas 20 mil unidades da Sit Down.



MÁXIMO, 1991

Designer: *Grácia Mendes (1960)* **Colaboradores:** *equipe de produção da Prodomo* **Produção:** *Prodomo, Nova Lima, desde 1991.*

As peças de madeira da Máximo tem a mesma largura (100 mm) e espessura (30 mm). O encosto, usa ferro com pintura eletrostática em preto fosco. Assento estofado em espuma, acabamento da madeira com verniz poliuretano. Criou-se uma peça simples e com contraste de materiais, que pode ser usada em qualquer ambiente. Empilhável, é comercializada pela Tok & Stok. Em 1989, Grácia Mendes ganhou o Prêmio Movesp, e em 1991 abriu a Prodomo, para produzir seu mobiliário.



BIENAL, 1993

Designer: *Porfírio Valladares de Andrade (1954)* **Produção:** *Isaura Kallas Ltda., Belo Horizonte, desde 1993.*

Arquiteto, Porfírio Valladares de Andrade começou desenhando móveis para seus projetos de interiores. Hoje, dedica-se quase exclusivamente ao design de mobiliário e de luminárias. Na cadeira Bienal, o encosto tem estrutura em aço, cromado ou natural, e é o suporte para a trama de couro tipo sola. O assento usa fibra de taboa e a base, braúna ou mogno ebanizado — uma mistura de materiais flexíveis e “ventilados” a materiais duros.



COXILO, 1993

Designer: *José Roberto Cassab Neumann (1948)* **Produção:** *Pátio Marcenaria, Ubatuba, SP, desde 1993.*

A Coxilo faz parte da linha Pátio, que tem mais três peças, sendo duas para piscina e uma para praia, e já venceu no Prêmio Movelsul na categoria móveis para lazer.





MASCHERA, 1993

Designers: *Marcelo Rosenbaum (1968) e Ricardo Varuzza (1961)* **Produção:** *própria, São Paulo, 1994.*

Cadeira para mesa de jantar/restaurante, empilhável. A estrutura é em ferro tubular, com acabamento cromado ou pintura eletrostática preta. Assento em madeira maciça torneada e encosto em compensado prensado. Opções de madeira: pau-marfim ou mogno ebanizado.

ZIG ZAG, 1992

Designer: *Fátima Leão Farkas (1954)* **Colaboradores:** *Clarissa Schneider e Antonio de Jesus* **Produção:** *Camaleão, São Paulo, desde 1992.*

A Zig Zag traz para o primeiro plano um material que normalmente fica "escondido" na estrutura dos móveis de vime: o tronquinho, um arbusto aquático vindo do sul do país. Resistente, maleável, leve, o tronquinho é também um material ecologicamente correto, já que inesgotável — quanto mais é cortado, mais cresce. A Camaleão tem uma linha completa de móveis deste tipo, elaborados artesanalmente, um a um, com diversos tipos de acabamento.





CLIPPER, 1992

Designer: *Oswaldo Mellone (1945)* **Produção:** *Projeto, São Paulo, desde 1992*

Poltrona supercompacta e retrátil para auditórios, a Clipper foi contemplada com um “melhor da categoria” em mobiliário pela seleção anual de 1992 da prestigiada revista norte-americana *ID*. Buscando reduzir as dimensões da cadeira quando fechada, criou-se um conjunto assento/encosto suspenso, automaticamente rebatido em direção à coluna de sustentação quando o usuário se levanta. Esta característica propicia vãos de passagem entre fileiras extremamente largos, facilitando o acesso e a saída, tanto em situações normais como emergenciais. A substituição de grandes áreas estofadas por um revestimento em capa única de lona colabora na redução dos custos de produção, além de permitir rápida e econômica manutenção, em locais normalmente sujeitos à depreciação. Formado em design na Faap, com especialização em marketing na ESPM e em administração de projetos em Tóquio, Oswaldo Mellone é um de nossos designers industriais mais ativos e reconhecidos, atuando em vários segmentos de produção.



AUDAX, 1984

Designer: Hans Joachim Schmidt (1935) **Colaboradores:** Equipe de desenvolvimento da Giroflex **Produção:** Giroflex, São Paulo, desde 1994.

Poltrona executiva giratória, é o mais recente lançamento da Giroflex. Estrutura em mensolite, almofadas injetadas em espuma de poliuretano moldado anatomicamente. Base em aço. Revestimento em tecido retardante de fogo. Possui exclusiva regulagem tridimensional do apoio lombar, além de mecanismo de inclinação do assento/encosto e regulagem de altura de assento a gás. Técnica construtiva: estrutura confeccionada pelo processo "sheet moulding compound - SMC". Base soldada internamente por solda mig efetuada em equipamento automático.

SKILL, 1992

Designer: Günter Parschalk (1954) **Produção:** Remantec, São Paulo, desde 1992

Poltrona para escritório com mecanismo integrado de assento e encosto, regulagem de altura, inclinação de assento e encosto e do braço de forma integrada. Materiais: estrutura interna em madeira moldada a quente com espuma de poliuretano injetado revestido em tecido, couro ou vinil. Base de cinco patas em ferro e nylon injetado com pistão a gás. Rodízios em nylon. Braços e suporte de encosto em integral-skin com alma de aço.



MARI, 1992

Designer: Ary do Carmo Mari (1941) **Colaborador:** Gilberto Fagundes **Produção:** Forma, São Paulo, de 1991 a 1992.

Assentos para auditório, montados sobre longarinas metálicas fixas no piso. Assento e encosto em espuma de poliuretano injetado. Revestimento em capas removíveis com zíper, em tecido, vinil ou couro. Sistema de assento reclinável, permitindo maior aproveitamento do espaço útil. Ary do Carmo Mari atua na área de planejamento e layout de escritórios há três décadas. Arquiteto, hoje está no departamento comercial da Forma.



OLLE, 1992

Designer: Gilberto Pacheco Fagundes (1945) **Produção:** Forma, São Paulo, desde 1992.

Cadeira empilhável em aço trefilado cromado ou pintado em epóxi pó. Estofamento revestido em tecidos sintéticos ou couro e na versão de mogno natural ou ebanizado. Adequada a escritórios, restaurantes e pequenas salas de conferência. "A proposta era preencher um nicho de mercado. Optamos em reaproveitar materiais já existentes na linha de fabricação. A curva do assento e encosto é feita no mesmo ferramental usado na fabricação da madeira para o modelo Elasta", diz Fagundes. Gaúcho, ele formou-se em arquitetura, atuou como arquiteto e designer industrial, e há 17 anos é gerente de desenvolvimento de produtos da Forma.



PAR3, 1993

Designer: José Roberto Calejo (1953) e Karl Heinz Bergmiller (1928) **Produção:** Escriba, desde o início de 1994.

O programa PAR3 compõe-se de poltronas para auditório com assento auto-rebatível, adaptáveis a pisos horizontais e inclinados. Os montantes com articulação nas juntas do assento e do encosto permitem a formação de fileiras retas ou curvas com raio, a partir de 6 m. Materiais: chapa de aço com acabamento de epóxi na cor preta nos montantes, e madeira compensada moldada, com espuma de poliuretano sobreinjetada, com diversos revestimentos. Como acessórios opcionais, prancheta escamoteável embutida entre os montantes sob o apóia braços e luz de vigia. Calejo é o gerente e Bergmiller, o diretor de design da Escriba.

GAMA, 1992

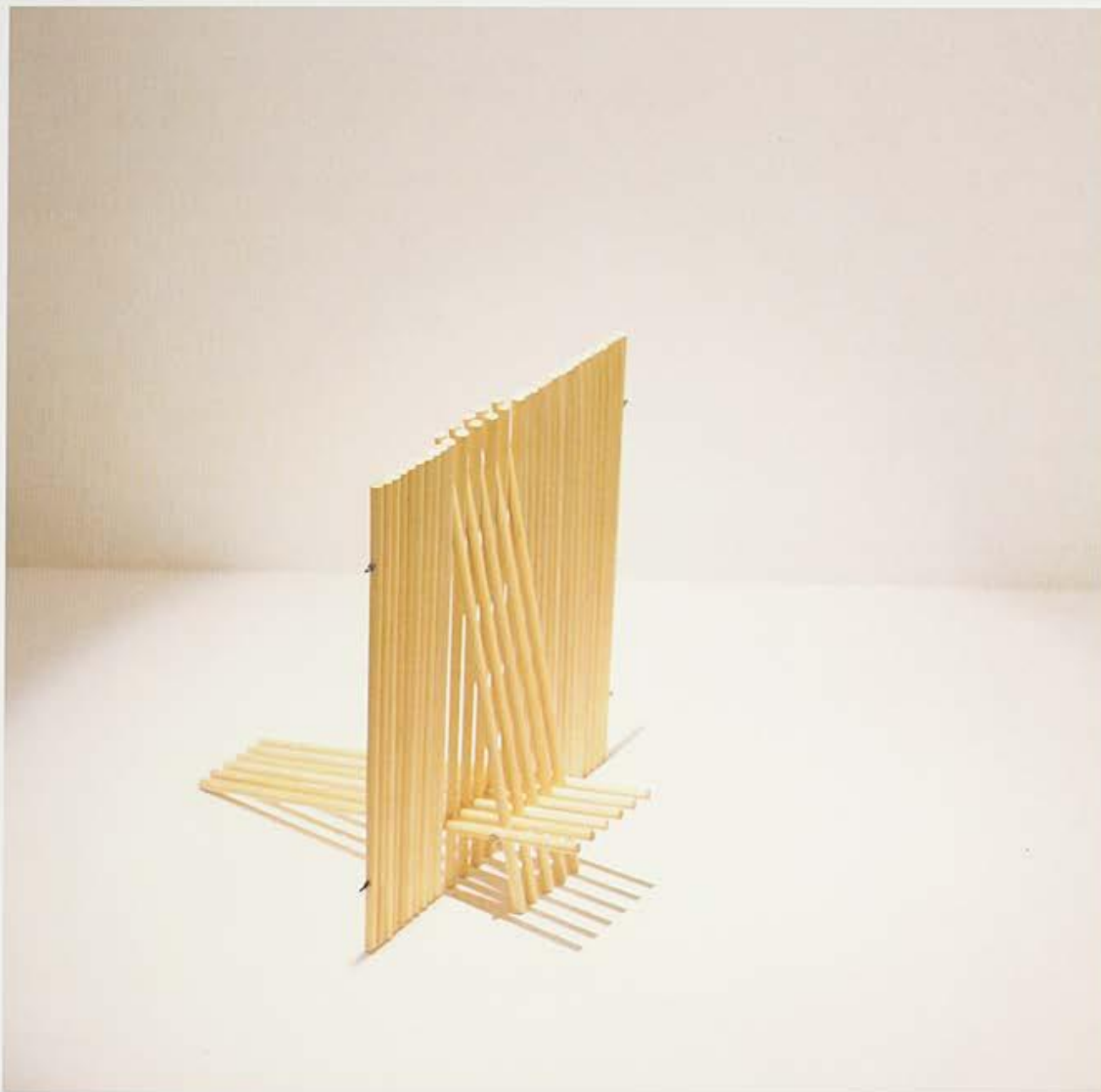
Designer: Freddy van Camp (1946) **Colaboradores:** Eduardo Romeiro Filho e Claudio Rodrigues **Produção:** M.L. Magalhães, Rio de Janeiro, desde 1993.

“Esta é a única linha do mercado brasileiro com o mesmo perfil ergonômico em todos os níveis hierárquicos dentro de uma empresa, da secretária ao diretor presidente”, informa Freddy van Camp. Tem encosto e assento separados e injetados inteiramente reguláveis, adaptáveis a qualquer posição de trabalho do usuário. Disponível com ou sem braços (em poliuretano integral), seu estofamento usa espuma de poliuretano flexível. O perfil adotado se baseia em estudo ergonômico feito a partir das diversas posições adotadas no sentar e dos percentis máximos e mínimos adequados a cada uma delas.



AS EXPERIMENTAIS

O design pressupõe experimentações constantes, perguntar-se sempre, questionar. Mas essa característica pode estar mais presente numa peça do que em outras. Livres do compromisso da produção e da funcionalidade, alguns criadores desenvolveram peças instigantes, que abrem caminho para a reflexão.



CERCA, 1987

Designer: Fábio Magalhães **Colaborador:** Antonio Carlos Carneiro **Produção:** peça única.

A cadeira como símbolo do poder e a cerca como símbolo da propriedade — essas foram as idéias mestras do projeto de Fábio Magalhães, apresentado na 19ª Bienal de São Paulo, incursão bissexta de um homem da cultura e das artes plásticas na produção de design. O que salta aos olhos é o contraste entre a forma e a proporção imponente marcada pelo espaldar alto, de um lado, e o material “pobre”, bruto, nada nobre, de outro. O original exposto na Bienal estragou-se pela exposição ao sol e à chuva; para esta mostra no Museu da Casa Brasileira, Magalhães preparou uma maquete.



CA-CA-CADEIRA, 1982/83

Designer: *Giorgio Giorgi Jr.* **Produção:** *peça única.*

Ca-ca-cadeira faz parte da série "abjetos", desenvolvida como dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Em síntese, trata-se de um exercício de metalinguagem, construído a partir da remontagem de três exemplares de cadeira dobrável da Tok & Stok. Seus materiais são aço e madeira. Giorgio Giorgi Jr. não faz apenas o/abjetos exploratórios. Em seu estúdio Objeto Não Identificado, junto com o designer Fabio Falanghe já desenvolveu vários projetos para produção em série. O mais bem-sucedido deles é a luminária Floppy, cujos direitos foram comprados pela empresa italiana Artemide e hoje é vendida em vários países.

CALÇADA, 1989

Designer: *Daniela Thomas* **Produção:** *Nucleon 8, São Paulo, desde 1989.*

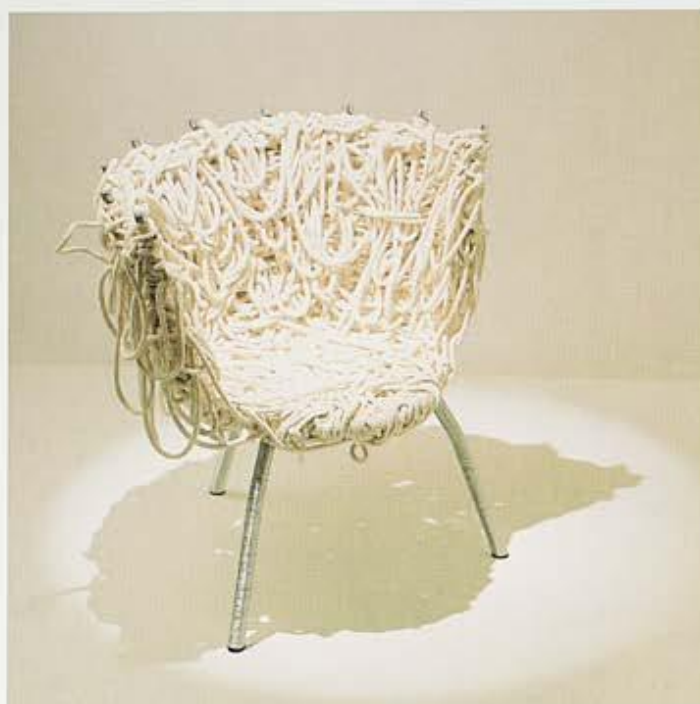
Com estrutura de cantoneiras de ferro em "L" e assento e encosto em nata de cimento natural, a Calçada é uma incursão ao design da cenógrafa Daniela Thomas. A cadeira faz parte de um conjunto que inclui bancos e uma mesa com tampo de vidro, sob o qual o cimento é o exemplo da calçada, com tocos de cigarro, fichas telefônicas e a sujeira da cidade.



NINHO, 1994

Designer: Humberto (1953) e Fernando Campana (1961) **Produção:** peça única.

A Ninho, comercializada pela Nucleon 8, tem estrutura feita com tela de vergalhões de ferro e cordões de algodão.



ESPIRAL, 1988

Designer: Humberto (1953) e Fernando Campana (1961) **Produção:** peça única. O exemplar da exposição pertence a Dan Fialdini.

Esta cadeira em chapa de ferro, com um desenho de espiral feito em oxicorte (maçarico) no encosto, fez parte de sua primeira exposição, chamada Desconfortáveis.

Os irmãos Campana desenvolvem um trabalho intuitivo e profundamente conceitual, que procura tirar partido de materiais aparentemente pobres como o papelão ondulado, o barbante de algodão, o durepóxi e o plástico. O resultado são móveis e objetos inusitados e instigantes, produzidos por eles próprios em peças únicas ou com baixas tiragens.

O S
P R E M I A D O S



Prêmio Design Museu da Casa Brasileira é uma referência obrigatória no design de equipamentos para o habitat no país. Criado em 1986, quando Roberto Duailibi ocupava a direção do Museu e Jorge Cunha Lima era o secretário estadual da Cultura, o prêmio tornou-se o mais importante em seu raio de atuação no país. A seriedade de sua concepção, a escolha criteriosa dos jurados e o prestígio de seu promotor — um museu dedicado à arquitetura e ao design, de caráter cultural, sem quaisquer vínculos comerciais ou compromissos políticos —, atraíram grandes nomes do design nacional entre os inscritos e revelaram muitos estreantes.

A cronologia de sua realização de certa forma mapeia a produção nacional no setor. Em 1986, foram 155 inscritos; em 1987, 123; em 1988, 170, incluindo aí uma categoria recém-aberta, de projetos; em 1989, 89 inscritos, entre produtos acabados e projetos; em 1990, 201 inscritos, só em produtos acabados, e a edição de um catálogo; em 1991, 197 inscritos, só em produtos; em 1993, depois de um intervalo de um ano em que não foi realizado, atraiu 185 inscritos. A 8ª edição acaba de ser feita, com 160 participantes.

Fruto do esforço continuado dos funcionários do Museu da Casa Brasileira que, a despeito de todas as dificuldades, conseguiram mantê-lo, o prêmio já é uma tradição num panorama em que muitas iniciativas semelhantes surgem e rapidamente desaparecem. Nas próximas páginas, cadeiras que têm o selo de excelência do Prêmio MCB.



PAULISTANO, 1957

Designer: *Paulo Mendes da Rocha (1928)* **Produção:** *Nucleon 8, São Paulo, desde 1985.*

Criada originalmente em 1957 para o Clube Paulistano, projeto do arquiteto, uma versão com rodízios desta cadeira recebeu o primeiro lugar no 1º Prêmio MCB. Em aço mola pintado em epóxi fosco, tem capa em lona ou “vestindo” a estrutura. É uma montagem simples destes materiais. As três peças de aço flexível ajustam-se como “arruelas” ao cilindro padrão, adaptado. Como projeto industrial, usa nitidamente virtudes de materiais e produtos do mercado, principalmente a flexibilidade do aço, barras maciças de seção circular produzida, em grande parte, para a construção de molas espirais.



SÃO PAULO, 1982

Designer: Carlos Motta (1952) **Colaborador:** Antonio Carriel **Produção:** Fábrica de Cadeira São Paulo, São Paulo, desde 1982.

Primeiro lugar no 2º Prêmio MCB, a cadeira São Paulo originou uma técnica construtiva que hoje se aplica a uma linha inteira de mobiliário, produzido em escala, em forma semi-industrial. A linha usa laminados de mogno revestidos ou não de laminados plásticos (opção de 70 cores) nos assentos e tampos (caso das mesas). O encosto é em laminado de mogno moldado a quente e as estruturas, em mogno maciço torneado. A São Paulo já se tornou um clássico, o que tem sua contrapartida desfavorável: é um dos modelos mais copiados em todo o país. Best-seller de Carlos Motta, está em dezenas de restaurantes, hotéis e residências.



ESTRELA, 1979

Designer: *Carlos Motta (1952)* **Colaborador:** *Antonio Carriel* **Produção:** *Atelier Carlos Motta, São Paulo, desde 1979.*

Cadeira com e sem braço destinada a uso residencial e institucional, a Estrela dividiu com a São Paulo o primeiro lugar no 2º Prêmio MCB. Construída em madeira maciça de amendoim de forma artesanal, com técnica tradicional de marcenaria e acabamento lustrado com goma laca indiana, tem encosto feito de ripas estreitas e flexíveis com o detalhe do recorte em forma de estrela. Marcada pelo forte conteúdo estético, proporciona grande conforto.

RIMA, 1987

Designer: *Renato Marques de Oliveira (1951)*
Produção: *Serralheria Don Quixote, São Paulo.*

Terceiro lugar no 2º Prêmio MCB, a Minus tem estrutura metálica em aço carbono, com assento moldado em fibra de vidro e encosto em tiras de borracha neoprene. A placa, moldada anatomicamente no assento, e o encosto em tira de borracha, com densidade para permitir flexibilidade, propiciam conforto e bem-estar. Faz parte de uma série de assentos desenvolvidos por Oliveira com base em pesquisas de ergonomia e de anatomia (ver também a cadeira Minus).





GAIVOTA, 1988

Designer: *Reno Bonzon (1954)* **Produção:** *Bonzon Design, Ubatuba, SP, desde 1988.*

Isso é o que se pode chamar de produto consagrado: em 1988, a Gaiavota foi vencedora do 3º Prêmio MCB e do Prêmio Movesp; em 1990, foi escolhida na Bienal Brasileira de Design como o melhor mobiliário brasileiro. Construída com a técnica do laminado (lâminas maciças de 4 mm, em mogno ou ipê) colado a frio com resina epóxi, recebeu também o reconhecimento do mercado. Em 1989 passou a ser produzida também pela empresa italiana Bernini, que a comercializa em vários países.



RESSAQUINHA, 1988

Designer: *Maurício Azeredo (1948)* **Produção:** *Oficina própria, Pirenópolis, GO.*

Vencedor no 3º Prêmio MCB, o banco Ressaquinha pertence à série de móveis Casa Grande e Senzala. Nesta série, Azeredo reinventa de forma lúdica o malhete, através do qual trabalha com madeiras de diferentes colorações, sempre maciças, num mesmo móvel, colando-as por pressão, sem qualquer prego ou parafuso. Azeredo é um dos poucos designers nacionais que recupera o banco, mobiliário indígena e brasileiro por excelência. Produz edições limitadas de séries numeradas e assinadas, que freqüentam várias embaixadas no Brasil e no exterior.

TUPI-TUBE, 1982

Designer: *José Lobato Farias e Silva*
(1937) **Produção:** *protótipo.*

Contemplada na modalidade projeto no 3º Prêmio MCB, a Tupi-Tube usa em suas sapatas deslizantes um material inovador: a fibra de carbono, que é muito leve e tem alta resistência a atritos. Fios ou tubos de aço são presos com solda forte dispostos verticalmente em “volta contínua”, sem costura. José Lobato formou-se em desenho industrial na Faap e fez pós-graduação na FAU-USP.



MODULAR, 1987

Designers: *Beatriz Arbex e Cátia Júlia.*

Esta não é na verdade uma cadeira, mas uma estrutura modular que pode se transformar em mesa, módulo de recreação, estante vertical e horizontal e... cadeira. Menção honrosa no 3º Prêmio MCB e classificada também no Prêmio Mosp 88, destina-se a pré-escolas, permitindo um uso não só como mobiliário usual, mas também em atividades lúdicas e didáticas.

PIL/B, 1988

Designer: *Conrado Mitrovich Rovira*
(1937) **Produção:** *protótipo.*

Contemplada na modalidade projeto no 3º Prêmio MCB, a Pil/B é construída em aço trefilado e madeira dura maciça usinada, formando cilindros torneados. Tem como suporte do corpo uma faixa de lonita ou vinsol, com almofadas soltas. É montada sem a utilização de elementos de fixação, obtendo sua estruturação por pressão entre a madeira e o metal, e foi proposta para um público de baixa renda. Uruguio, Rovira exerce as profissões de arquiteto e designer no Brasil desde 1974.





MINUS, 1989

Designer: Renato Marques de Oliveira (1951)

Produção: Serralheria Don Quixote, São Paulo.

Primeiro lugar no 4º Prêmio MCB, a Minus, nas palavras de seu criador, é quase um colete ortopédico, permitindo que as musculaturas fracas das costas tenham apoio. "Interpretei contemporaneamente a cadeira de um sócio, usando como referência a Thonet", diz ele, que também desenvolveu uma ampla pesquisa ergonômica.

GABI, 1990

Designer: Reno Bonzon (1954) **Produção:**
Bonzon Design, desde 1990.

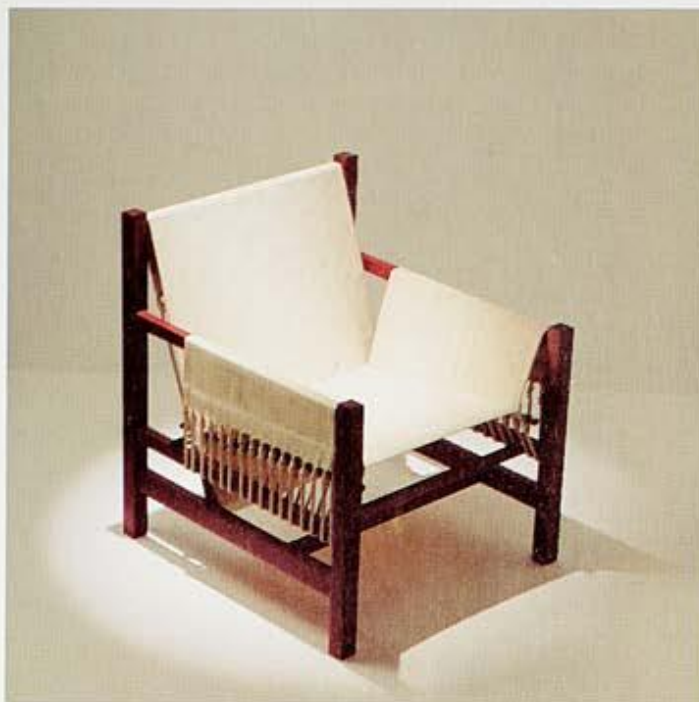
Foi considerada hors concours pelo júri do 5º Prêmio MCB, por já ter ganhado o 1º Prêmio Mosp 1990. Reno Bonzon empregou na Gabi a mesma técnica de madeira laminada colada a frio que já havia empregado em outras peças. Aqui, o resultado foi uma cadeira extremamente delgada, leve (pesa apenas 2,6 kg), confortável, muito adequada para salas de refeições, restaurantes, pequenos auditórios etc. Seu desenho fica muito bonito também quando está empilhada.



MARIA BONITA, 1990

Designer: *Gilberto Carlos Lima (1957)* **Produção:** *Caiçara Móveis e Design, Recife, PE.*

Vencedora no 5º Prêmio MCB e no Prêmio Mosp 90, a Maria Bonita resgata valores de nossa identidade cultural. A estrutura em madeira funciona como apoio para aplicação de uma rede em algodão cru, fixada através de cordões, o que permite retirada fácil para manutenção ou substituição. O arquiteto e designer paranaense Gilberto Carlos Lima, há vários anos radicado em Recife, teve como objetivo propor um móvel alternativo, baseado na cultura e no artesanato da região, de baixo custo e fácil execução. A Maria Bonita acabou gerando uma série de cadeiras, as Marias, todas com a rede como tema.



ONDA AM, 1990

Designer: *Ana Paula Scabello Mello (1960)*
Produção: *protótipo, executado na FAU-USP.*

A referência à rede está presente também na espreguiçadeira Onda, vencedora na categoria projeto no 5º Prêmio MCB. Uma estrutura em madeira laminada dobrada a frio (folhas de mogno, espessura 0,7 mm, espessura total 32 mm) sustenta o assento em lona, uma curva livre adaptável ao corpo do usuário. Travamento em tubos metálicos pintados em preto fosco.



MULHER, 1989

Designer: *Pedro Useche (1956)* **Produção:** *Useche Arquitetura/Design, desde 1989.*

Menção honrosa no 5º Prêmio MCB, a cadeira Mulher tem assento em mogno torneado, com 37 cm de diâmetro. Encostos formados por duas bolachas de mogno torneado, com 14 cm de diâmetro. Técnica construtiva: perfis calandrados, soldados e limados; acabamento eletrolítico; parafusos Allen para fixação dos encostos.

TROPICAL, 1990

Designers: *André Detanico (1960), Tarso Carneiro (1958) e Valério Curtis* **Produção:** *Austral Design, Porto Alegre, desde 1990.*

Menção honrosa no 4º Prêmio MCB. Poltrona para ambiente de estar. Componentes: estrutura, em madeira maciça, desmontável, composta de duas laterais em forma de "U" invertido, unidas através de uma travessa fixada com parafusos e de duas paletas encaixadas que sustentam o assento. Estofamento, tipo espreguiçadeira, formado por gomos de espuma, revestidos por tecido. Acabamento em mogno lustrado com selador nitrocelulose.



CATIPI, 1990

Designer: *Rosana Rita Folz (1962)* **Produção:** *Ipê Artefatos, São Carlos, SP, desde 1991.*

Menção honrosa no 6º Prêmio MCB. Dobrável, projetada para salas de refeições, bares e restaurantes, a Catipi usa ferro na estrutura e madeira. Um único elemento metálico soldado conjuga o suporte para o encosto, base posterior para o assento e base dianteira. Na base metálica dianteira são fixadas sapatitas de plástico preto, para evitar atrito com o assoalho. A junção da madeira (acabamento em poliuretano) e metal (acabamento em pintura epóxi ou eletrostática) resulta num aspecto leve e compacto.





BALTEL, 1991

Designer: *Franco Luiz Nardini, Javé (1962)* **Colaborador:** *Prof. Julio Maia de Andrade* **Produção:** *protótipo feito na FAU-USP.*

Primeiro lugar no 6º Prêmio MCB, a Baltel foi desenvolvida como trabalho acadêmico, que teve os objetivos de “enfatizar ao máximo a originalidade de seu conceito formal”, “resolver os problemas de conforto e ergonomia” e viabilizar uma futura produção. A estrutura inicial da cadeira foi criada a partir de uma cartela de fichas telefônicas manuseadas por Nardini durante uma conversa com um amigo num bar. As cinco fichas dentro da cartela formam os cinco módulos da cadeira, que aparecem quando dobrados de forma conveniente. Optou-se por dobrar uma chapa de aço de 4 mm de espessura e após alguns testes de carga partiu-se para o desenho do apoio frontal. Ele deveria deslizar no solo para que a chapa pudesse se utilizar de sua flexibilidade e assim conseguir um efeito de balanço.



QUATRO FOLHAS, 1993

Designer: Roberto Cortes Real **Produção:** Oficina de Marcenaria, Ubatuba, SP.

Primeiro lugar no 7º Prêmio MCB, a Quatro Folhas levou o diploma Joaquim Tenreiro por seu desenho inteligente e simples, que partiu de uma brincadeira de montagem como um quebra-cabeças do tipo tangram. Em compensado de eucalipto tingido (opção de oito cores), ecologicamente correto, tem montagem feita apenas por cavilhas. Desmontável, pode ser armazenada em grande quantidade. Fácil produção e custo baixo.

BARROCA, 1992

Designer: *Edith Apter Diesewdruck (1965)* **Produção:** *peça única.*

Contemplada no 7º Prêmio MCB, a Barroca foi feita com o intuito de testar o uso do papel machê. A base é uma estrutura de tarugo de ferro soldado e uma tela de arame costurada no assento e encosto para dar o suporte. Feito o miolo, a forma foi sendo dada com jornal amassado, envolto em fita adesiva e cola; e, por último, uma camada de papel craft. Revestindo tudo, uma colagem de decalques lembrando damas antigas.

**ATUAL, 1993**

Designer: *Francisco Fernandes (1958)* **Produção:** *Usina Design, São Paulo, desde 1993.*

Contemplada no 7º Prêmio MCB, esta espreguiçadeira lembra várias outras, feitas de lona. Só que aqui o "tecido" é a malha especial de arame inoxidável, presa na estrutura de ferro maciço. O resultado surpreende, inclusive pela exigüidade.



THAÍS, 1993

Designer: Eduardo Lamassa (1960) **Produção:** Lamassa Movelaria, Belo Horizonte, desde 1993.

Contemplada no 7º Prêmio MCB, a cadeira Thaís já havia recebido o Prêmio Movesp 93 e faturou depois o Prêmio Movelsul 94. Com encosto em tubo metálico pintado em epóxi preto fosco, tem assento em mogno natural encerado. A montagem é simples, através de encaixe e fixação com parafusos entre o encosto e o assento. Empilhável, é indicada para pequenos ambientes e para bares e restaurantes.

TRANÇA, 1994

Designer: Marieta Ferber (1968) **Produção:** própria, São Paulo.

Segundo lugar na categoria mobiliário residencial do 8º Prêmio MCB, a Trança parece as cadeiras feitas com percintas de tecido ou couro, mas é inteiramente de madeira — a inexplorada coração de negro (*Porcilanthe parviflora Benth*), com acabamento em seladora e cera. É formada por dois quadros que compõem o assento e o encosto com medidas e formas construtivas idênticas, evitando assim a execução de gabaritos para tiragem de peças com medidas e formas diversas. Cada quadro se compõe de uma moldura sobre a qual ripas de madeiras inclinadas são fixadas lado a lado, dando ao assento e ao encosto uma curvatura ergonômica. Os quadros são fixados através de parafusos em dois perfis estruturais. Evitou-se o excesso de curvas e encaixes.





MISTRAL, 1994

Designer: Roberto (Neco) Stickel (1954) **Produção:** protótipo.

Primeiro lugar na categoria mobiliário residencial do 8º Prêmio MCB, recebeu o Diploma MCB para Design Joaquim Tenreiro. Executada em aço inox ou pintado e madeira. Ao todo, 40 ripas de madeira retangulares com contatos arredondados de 50 cm de comprimento e largura variável (2,5 cm a 18,8 cm) são encaixadas e coladas em duas estruturas verticais de aço, soldadas a uma chapa horizontal que garante a rigidez do conjunto. Engenheiro de formação, Roberto Stickel tem como atividade principal a elaboração de perspectivas e desenhos para projetos de arquitetura. Como designer, participou da equipe de criação do barco de Amir Klink, desenvolveu os primeiros ultra-leves e asas-deltas brasileiros, e tem vários projetos premiados.

A N Ô N I M A S
A S

N

o primeiro módulo desta exposição, viu-se que até o início do século 20 as peças de mobiliário eram trazidas da Europa pela elite e aqui adaptadas ao gosto brasileiro pelos artesãos locais — na verdade, o verbo “adaptar” é mais um eufemismo para “copiar”. Nosso atávico complexo de inferioridade de povo colonizado muitas vezes ainda nos leva a mirar “lá fora”, “na metrópole”, para “saber o que é bom”. Assim, para muitos empresários e criadores, os lançamentos anuais do Salão do Móvel de Milão tornam-se Bíblia a ser obrigatoriamente seguida, “inspiração” — outro eufemismo para a cópia.

No último módulo desta exposição, caminhamos na contra-mão e deslocamos nosso olhar para a produção anônima que se faz no país. O bom projeto de mobiliário não é privilégio de designers e arquitetos que passaram por anos e anos de formação acadêmica. Quer melhor solução formal do que o banco feito por um camelô paulistano, pronto para ser montado, desmontado, transportado? Ou discurso semiológico mais integrado do que o do banco indígena da região do Xingu (só incluído neste módulo e não em outro porque aqui se trata de autoria grupal, e não individual como nos outros casos)?

Ainda que escassos, pela dificuldade em coletar peças que não são produzidas em escala, que se espalham pelos quatro cantos do país e que não têm um interesse comercial por trás, os exemplos de assentos aqui reunidos são muito valiosos. Sem fechar os olhos para o que está acontecendo no mundo, que o conhecimento intuitivo contido no saber de nosso povo também nos sirva de norte, em sua inventividade, sofisticação e singeleza.



BANCO TOSCO

Banco tosco com pernas de secção quadrada fixadas no assento através de cavilhas. Peça de feitura rústica, possui características de artesanato regional. Originário de Ilhabela, SP. Acervo Museu da Casa Brasileira.

BANCO INDÍGENA

Banco da tribo Wai-Wai esculpido em peça única de madeira, com assento em forma de elipse. Madeira tingida com urucum e tinta à base de carvão. Coleção: Antonio Saggese.





BANCO INDÍGENA

Banco indígena da região do Xingu, esculpido em madeira maciça com forma abstraída de animal. Pintado com tinta à base de carvão. Coleção: Antonio Saggese.



BANCO CACHORRINHO

Banco construído com sarrafos de vários tipos de madeira pregados. Desenho anônimo, encontrado na Fazenda Boa Vista, Bananal, SP. Utilizado comumente na beira de fogueiras. Reproduzido, desde 1971, pela Marcenaria Baraúna. Coleção: João Grinspum Ferraz.

BANCO CAIPIRA

Também chamado de banca, este banco caipira é confeccionado em madeira pregada. Originário da região da Serra da Mantiqueira, sul de Minas Gerais. Utilizado comumente sobre a base de fogões à lenha, em frente ao fogo. Coleção: Marcelo Carvalho Ferraz.





BANCO DOBRÁVEL

Banco dobrável, produzido com ripas de madeira, tendo eixo metálico nas articulações. Originário de Cambuí, sul de Minas Gerais. Coleção: Glória Maria Bayeux.



BANCO EM "X"

Banco dobrável em madeira maciça, construído com 4 peças coladas entre si nas juntas da articulação. Coleção: Neide Hahn.

BANCO DE CAMELÔ

Banquinho composto por três peças em compensado naval de 15 mm. Duas peças formam os pés, que se encaixam de forma macho-fêmea, recebendo posteriormente o assento. Desmontadas, as três peças se sobrepõem formando um conjunto de volume reduzido, fácil de ser transportado. Procedência: Ladeira General Carneiro, São Paulo, SP. Coleção: Giancarlo Latorraca.





BANCO DE RETIREIRO

Banco de uma só perna, usado na ordenha de vacas. Construído em madeira, apresenta uma mola ao centro do eixo que une a base ao assento, permitindo a flexão entre ambas as peças. Este banquinho é fixado ao quadril do ordenhador de modo que ele possa se deslocar de uma vaca a outra com o balde e sem correr o risco de sujar as mãos. Bancos similares são usados por ordenhadores em vários países. Originário de Jardinópolis, SP. Coleção: Paulo Alves da Silva Filho.



CADEIRINHA DE TABOA

Modelo de cadeira produzido em larga escala em várias regiões do Brasil. Apresenta várias configurações de desenho, tendo opções de assento e encosto em taboa. Neste caso trata-se de uma cadeirinha para criança, construída em madeira maciça com encaixes em forma de espiga e assento em taboa trançada. Coleção: Pedro Crescenti Gonzalez e Fernando Seelaender Crescenti.

BANCO CHAPÉU DE VAQUEIRO

Banquinho desmontável e dobrável, construído com três pés em madeira unidos por um parafuso soldado com porcas. Assento em couro costurado. Dobrado, pode ser facilmente carregado em uma sacola ou bolsa. É geralmente utilizado em viagens de carona, espera em filas, etc. Procedente de Congonhas do Campo, MG. Coleção: Paulo Alves da Silva Filho.



AGRADECIMENTOS

PELO EMPRÉSTIMO DAS PEÇAS EXPOSTAS:

Angelo Bueno
Antonio Saggese
Arquitetura da Luz/Nucleon 8
Austral Design
Casa Teperman
Dalmácia Arruda Campos
Dan Fialdini
Eduardo Longo
Escriba
Espaço Interior
Etel Interiores
Fernando Seelaender Crescenti
Forma
Giancarlo Latorraca
Giroflex
Hugo Segawa
Instituto Lina Bo e P.M. Bardi
João Carlos Basílio da Silva
João Grinspum Ferraz
L'Atelier
Lenora de Barros
Marcelo Carvalho Ferraz
Marcenaria Baraúna
Maria Helena Guimarães
Metalúrgica Bertolini
ML Magalhães
Museu Lasar Segall
Neide Hahn
Paulo Alves da Silva Filho
Paulo Kuczynski
Pedro Crescenti Gonzalez
Projeto
Projetos & Produtos
Remantec
Renar Móveis
Ricardo von Brusky
Roberto Sanovicz
Tok & Stok

PELA DOAÇÃO DE PEÇAS AO ACERVO DO MCB:

Michel Arnoult
Móveis Teperman
Projeto

PELA CONTRIBUIÇÃO À REALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO:

Ademir Bueno
Angela Maria Rocha
Antonio Luis Droghetti Junior
Augusto Lívio Malzoni
Carlos Perrone
Délia Beru
Elisa Gomes
Ernesto Tuneu
Fúlvio Nanni
Jacqueline Terpins
Leo Seincman
Lia Mônica Rossi
Lilian Jenkino
Lino Leme
Luis Carlos Onaga
Marcelo Aflalo
Marcelo Araújo
Mari Marino
Maria Cecília L. dos Santos
Maria Helena Estrada
Mariah Villas Boas
Marlene Acayaba
Michel Arnoult
Miguel Forte
Milly Teperman
Paulo Rogério Pinheiro Machado
Reimbert Profili
Revista Design Interiores
Ricardo Aflalo
Sheila Furtado
Sociedade Amigos do MCB
Vanderlei Carlin
Vicente Wissenbach

Governador do Estado de São Paulo:

Luiz Antonio Fleury Filho

Secretário de Estado da Cultura:

Ricardo Ohtake

Diretor do Departamento de Museus e Arquivos:

Carlos E. L. Perrone

Diretor do Museu da Casa Brasileira:

Carlos Bratke

CADEIRAS BRASILEIRAS

EQUIPE BÁSICA:

Concepção e coordenação geral :

Glória M. Bayeux

Paula Perrone

Curadoria:

Adélia Borges

Günter Parcshalk

Pesquisa:

Adélia Borges

Glória M. Bayeux

Günter Parcshalk

Paula Perrone

EXPOSIÇÃO:

Projeto de montagem da exposição:

Felippe Crescenti

Projeto de iluminação:

Somlux - Judy Spencer

Produção executiva:

Glória M. Bayeux

Paula Perrone

CATÁLOGO:

Edição e textos:

Adélia Borges

Fotografia:

Antonio Saggese

Projeto gráfico:

João Baptista da Costa Aguiar

Coordenação gráfica:

Paula Astiz

Diagramação:

Tânia Maria dos Santos

Editoração eletrônica e fotolitos:

GraphBox

Impressão:

Bal'Cos Gráfica e Editora



SOCIEDADE AMIGOS
DO MUSEU DA CASA BRASILEIRA

GOVERNO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

SECRETARIA
DE ESTADO DA
CULTURA

CASA BRASILEIRA
SEU
MU
SEU